

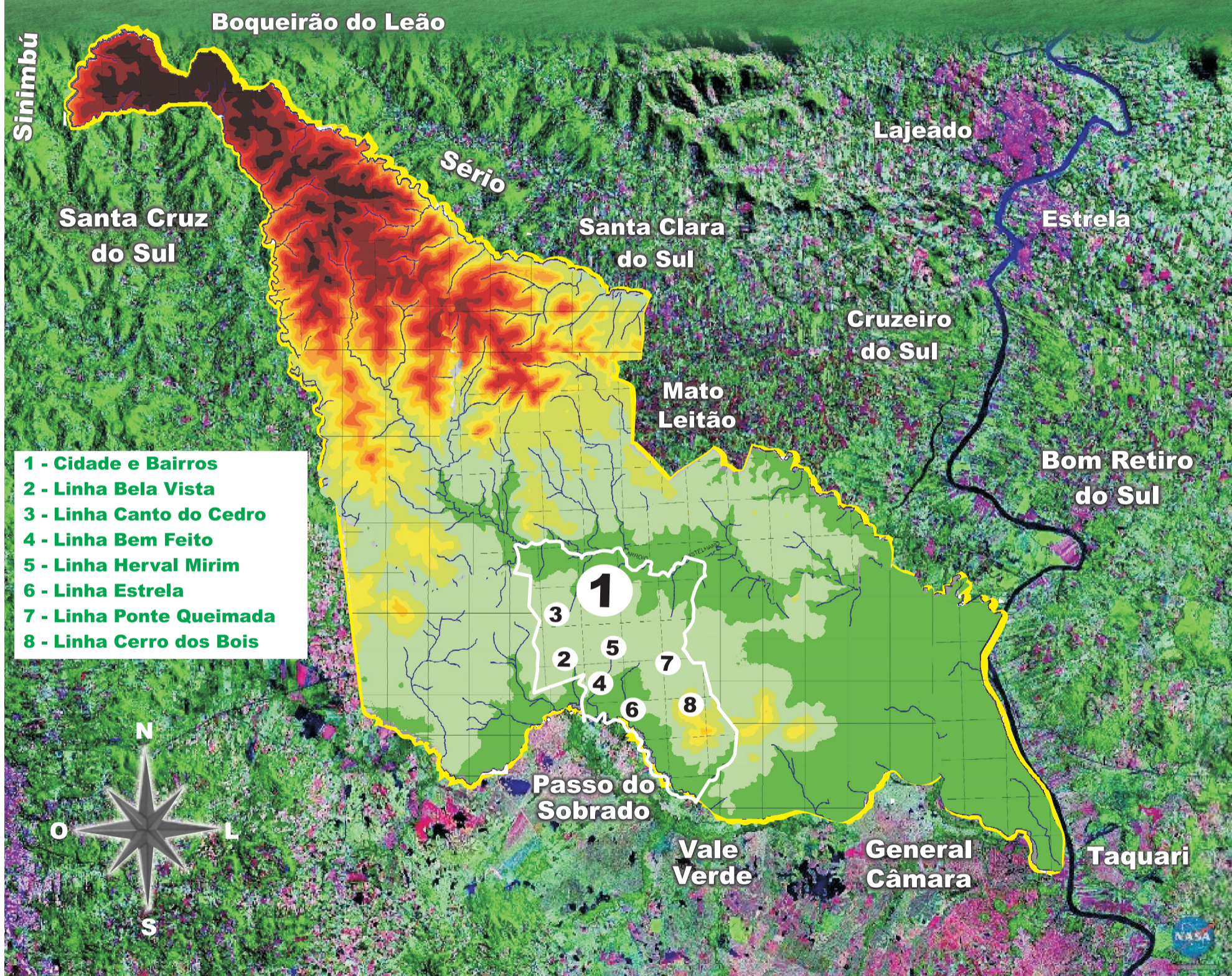
Folha Distritos

Folha do Mate

VENÂNCIO AIRES, QUINTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 2008

PRIMEIRO DISTRITO

O legado do alferes **Francisco Machado Fagundes da Silveira**



ESTE PROJETO TEM O APOIO DO GRUPO CTA-CONTINENTAL.

www.cta.com.br

bras
clin

SoleMio

café
CTA

CTA-CONTINENTAL
TOBACCO ALLIANCE S/A
Highest Quality

DOBRO

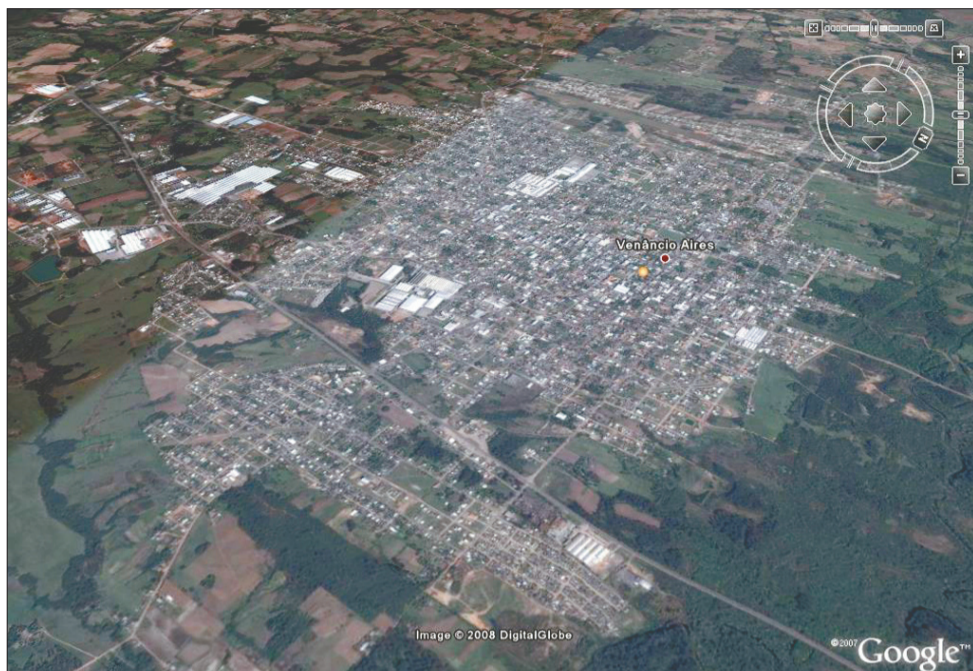
Oh, salve Venâncio Aires... Belo recanto do Brasil

É impossível contar a história do primeiro distrito de Venâncio Aires, sem citar a influência social, política, econômica, religiosa, educacional e cultural das localidades que compõem o interior do município, a chamada região das colônias.

Como diz a letra do nosso hino, Venâncio Aires é um belo recanto do Brasil. Seu relevo privilegiado, que mescla terras altas nos morros da serra geral, região de encostas e terras baixas, nas várzeas dos arroios e do rio Taquari, oferece condições para o desenvolvimento agropecuário para todos os tipos de cultura e criação.

Infelizmente, o passado de conflitos entre Portugal e Espanha colocou fim na civilização nativa, responsável pelo desenvolvimento, entre outras coisas, da erva-mate, o ouro verde abundante nas matas.

A partir de 1700, a presença europeia faz-se sentir através dos padres jesuítas, que criam os Sete Povos das Missões. O território de Venâncio Aires integrava a Estância de São Luís. A incursão dos bandeirantes paulistas, tendo a frente Antônio Raposo Tavares, iniciou o período de conflito, controlado parcialmente a partir de 1777, com a assinatura do Tratado de Madri. Neste período, a Coroa Portuguesa havia avançado até os limites do Rio da Prata, erguendo lá a Colônia de Sa-



Vista aérea da cidade de Venâncio Aires, formada pela união de várias etnias, a partir do legado deixado por Francisco Machado Fagundes da Silveira, o fundador do Faxinal dos Fagundes

cramento.

Em 1750 inicia o movimento de ocupação da capitania de São Pedro do Rio Grande, com a construção de quatro guarnições armadas, entre elas a Fortaleza de Jesus-Maria-José, no entroncamento dos rios Jacui e Pardo. Em 1752 chega a primeira leva dos Casais D'El Rey, oriundos dos arquipélagos portugueses dos Açores e da Madeira, que recebem grandes

frações de terras.

Em 1762 o primeiro registro de posse de terras, dado ao alferes Francisco Machado Fagundes da Silveira. É o início do Faxinal dos Fagundes, primeira denominação do povoado, elevado à Freguesia de São Sebastião Mártir, em 1884 e, à Vila de Venâncio Aires, em 1891, onde hoje está a cidade. Confirma no quadro a biografia de Venâncio de Oliveira Ayres.

O trabalho que ora apresentamos tem o objetivo de resgatar parte da nossa história, destacando as diversas origens que formam a população venâncio-airense. Os nativos guaranis, os espanhóis maragatos e castelhanos, os portugueses luso-açorianos; os negros africanos e os imigrantes (principalmente os germânicos) tiveram importante parcela neste desenvolvimento. O que somos atualmente é o resultado da contribuição de cada uma dessas etnias. Somos todos brasileiros!

A cidade concentra as principais forças produtivas, da indústria, comércio e prestação de serviços. Também é na cidade que estão centrados os poderes constituídos do executivo, legislativo, judiciário e religioso. As forças de segurança, a distribuição de energia, a produção de água, os meios de comunicação, as agências bancárias, os sindicatos e as maiores escolas. Confirma no quadro a relação das escolas da cidade, dos bairros e das localidades do primeiro distrito.

Em torno da cidade estão os bairros, formados da concentração de trabalhadores, oriundos em sua maioria da região colonial, que vieram em busca de melhores condições

de vida. Enquanto a cidade cresce, a periferia incha e a colônia se esvazia, formando um perigoso contraste, capaz de ofuscar o fanal deste belo recanto do Brasil.

O primeiro distrito também é formado pelas localidades que ainda preservam as características interioranas. Com exceção de Cerro dos Bois, todas as demais se formaram em terras que pertenciam ao antigo Faxinal dos Fagundes.

SÍMBOLOS

O brasão, a bandeira e o hino simbolizam a união de interesses, a força e a base econômica que sustenta o desenvolvimento do município desde as suas origens: a erva-mate e o fumo. A força é representada pelo escudo e pela coroa de pedras, lembrando a cúpula de um castelo. As mãos dadas simbolizam a união, o respeito, a parceria e a necessidade de confiança mútua nas relações interpessoais. O mate cevado, pronto para ser tomado, representa nosso maior valor cultural, que já foi o maior valor econômico: o chimarrão e a erva-mate. Por fim, os dois ramos de fumo lembram o principal produto agrícola, que movimentou nossa economia e fez crescer os demais setores de produção. O brasão tremula estampado na bandeira municipal. A letra do hino destaca o valoroso passado, a coragem, o trabalho e a esperança no risonho porvir.

Dedicamos este trabalho de pesquisa histórica a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram com um pequeno ladrilho, para formar esta grande obra chamada Município de Venâncio Aires.

HINO DE VENÂNCIO AIRES

Letra e Música - SELITA DALMÁS

Estr. Ó salve Venâncio Aires
Belo recanto do Brasil
Salve a capital do ouro verde
Tua glória é sempre progredir

Tua terra formosa, vibrante
Traz latente a semente feliz
No trabalho do povo ativo
Ela brota e produz cem por um

Nos teus campos tão belos, imensos
Onde cresce o fumo, o erval
Na indústria, no teu progresso
Tu será do Rio Grande o fanal

Na cidade, na vila, no campo
Sob o brilho do céu cor de anil
O teu povo labuta confiante
Esperando um risonho porvir

BIOGRAFIA DE VENÂNCIO DE OLIVEIRA AYRES

Venâncio de Oliveira Ayres nasceu em Itapetininga-SP em 12 de novembro de 1841 e faleceu em Santo Ângelo aos 16 de outubro de 1885. Foi jornalista e precursor das idéias republicanas e abolicionistas. Com Moreira da Silva, fundou o primeiro jornal de Itapetininga, O Município (1873).

Formou-se advogado em 1868, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores do Partido Republicano Riograndense e também primeiro redator-chefe do jornal do partido, A Federação. Fez editar seu primeiro número em janeiro de 1884. Suas teses foram sustentadas por seus discípulos, Júlio Prates de Castilhos, Pinheiro Machado e Ramiro Barcelos. Sua doutrina foi a base do castilhismo e do pinheirismo.

O Partido Republicano Riograndense foi o único da União a manter-se fiel às bases doutrinárias de inspiração venanciana, desde os primeiros congressos até a queda da República Velha, em 1930.



Pórtico de entrada dá as boas vindas à capital do chimarrão

ESCOLAS DO PRIMEIRO DISTRITO

Particulares

Nossa Senhora Aparecida – Centro
Gaspar Silveira Martins – Centro
Prof. José de Oliveira Castilhos – Centro
Faculdade D. Alberto – Centro
Universidade de Santa Cruz do Sul – Bairro Universitário
Diversas escolinhas de educação pré-escolar particulares.

Estaduais

Cônego Albino Juchem – Centro
Monte das Taboças – Centro
11 de Maio – Bairro Coronel Brito
Brígida do Nascimento – Bairro Brígida
Cerro dos Bois – Linha Cerro dos Bois
José Tirelli – Linha Bela Vista
Professora Leontina – Bairro Santa Tecla
Wolfram Metzler – Linha Bela Vista
Zilda de Brito Pereira – Bairro Gressler
João Pádua da Rosa – Linha Ponte Queimada
Crescer – CAIC – Bairro Coronel Brito

Municipais

Alfredo Scherer – Linha Herval Mirim
Benno Breunig – Bairro São Francisco Xavier
Cidade Nova – Bairro Cidade Nova
Cristino Goulart da Silva – Linha Cerro dos Bois
D. Pedro I – Linha Cerro dos Bois
Dois Irmãos – Bairro Campo da Aviação
José Duarte de Macedo – Bairro Macedo
Otto Brands – Bairro Brands
Odila Rosa Scherer – Bairro União
Venâncio Aires – Linha Canto do Cedro
Diversas escolinhas municipais de educação infantil – EMEI's



Brasão de Venâncio Aires está impresso no centro da bandeira municipal

COLABORARAM NAS REPORTAGENS DESTA SUPLEMENTO

As informações contidas neste suplemento foram coletadas em pesquisas realizadas por professores e alunos no período de outubro de 2007 a junho de 2008.

- Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação
- Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Planejamento

Livros pesquisados:

- Abrindo o Baú de Memórias, o Museu de Venâncio Aires conta a história do município, organizado por Olgário Paulo Vogt
- Livro do Centenário de Venâncio Aires, organizado pelo Cemuc, em 1991

Outras fontes:

- Reportagens do Jornal Folha do Mate, divulgadas entre 06.10.1998 a 03.08.1999, dentro do projeto de Resgate da História das Ruas de Venâncio Aires;
- Reportagens do Jornal Folha do Mate publicadas em 2007, dentro do projeto Folha Bairros
- Diversas páginas da internet. Fotos históricas fornecidas pelo Museu de Venâncio Aires.
- Supervisão dos textos pela historiadora Angelita da Rosa.

DADOS GERAIS – MUNICÍPIO

Sede: cidade

Localização: Região Centro Oeste do Rio Grande do Sul, entre os vales Taquari e Rio Pardo, junto à depressão central do planalto arenito basáltico que forma a Serra Geral.

Latitude: 29° 60'39"

Longitude: 52° 19'14"

Distância de Porto Alegre: 130 Km

Acessos: RST 287 e RST 453.

Área territorial: 773,24 Km²

Clima: subtropical

Nível do mar: 210m de altitude

População total: 67.373*

População Urbana: 40.424 (60%)

População Rural: 26.949 (40%)

Sexo masculino: 49,9%

Sexo feminino: 50,1%

Densidade demográfica: 87,1 hab/km²*

PIB total: R\$ 1.222.544,00

PIB per capita: R\$ 18.666,00

Alfabetizados: 93,64%**

Expectativa de vida: 72,35 anos**

(* Estimativa 2006

(**) Estimativa 2000

Um povo com muitas origens

A formação étnica da população atual de Venâncio Aires é resultado da miscigenação entre vários povos. Inicialmente foram os índios guaranis e tapes que habitaram a região. A partir de 1700, as primeiras expedições de conquistadores portugueses e espanhóis começaram a avançar sobre as aldeias. Em 1750 o rei de Portugal oferece sesmaria e datas de terras na região Sul do Brasil aos casais luso-açorianos dispostos a começar vida nova. Em 1762 é feito o registro do primeiro proprietário de terras no território que mais tarde seria o município de Venâncio Aires. O alferes Francisco Machado Fagundes da Silveira e sua esposa Rita Josefa de Bittencourt recebe uma sesmaria nas margens do arroio Castelhana. A partir de 1856, os primeiros imigrantes alemães receberam terras na colônia de Mariante. Em 1885 começa a imigração dos italianos no Brasil e, já no século 20, chegaram os japoneses e os de descendência árabe.

O território que hoje forma o município de Venâncio Aires pertenceu primeiramente a Rio Pardo (1809), depois Taquari (1849) e, por fim, a Santo Amaro (1881), atual distrito de General Câmara. A partir de 1891, Venâncio Aires passou a ser um município autônomo.

PIONEIROS

A primeira denominação conhecida do território foi Faxinal dos Fagundes. Esta denominação perdurou até por volta de 1930, mesmo com a vigência de outras denominações oficiais. Por volta de 1850, o Faxinal dos Tamancos, onde hoje fica a Estância São José, competia em importância com o Faxinal dos Fagundes graças ao ofício do inglês José Holbrook, que confeccionava calçados de madeira, também conhecidos por tamancos e muito usados até meados dos anos de 1980.

Os primeiros colonizadores portugueses, aos quais o governo da província concedeu título de posse de terras em áreas do município de Venâncio Aires, foram Manoel Bento Ferreira da Gama, João Gomes da Rocha, Joaquim Coelho Barbosa, João Francisco Teixeira, Mathias José da Costa, José Antônio Silveira e outros de sobrenome Fagundes, Campos, Pacheco e Costa. Muitos destes eram militares oriundos das fortalezas de Nossa Senhora do Rosário (Rio Pardo) e de Santo Amaro.

Em 1864, dona Brígida Fagundes do Nascimento, neta do pioneiro Francisco Machado, anuncia a doação de uma área de terras de 10.000 braças quadradas, equivalente a cinco quarteirões atuais, à Irmandade de São Sebastião Mártir, para que fosse erguida uma capela em honra ao santo, caso seu filho retornasse são e salvo da Guerra do Paraguai (1864-1870). Este fato foi decisivo para o desenvolvimento econômico. Parte das terras doadas foram vendidas a imigrantes alemães, dando início à colonização do Faxinal, até então ocupado por luso-açorianos. Em 1876 acontece a primeira festa em louvor

a São Sebastião Mártir.

Em 08 de abril de 1884, o Faxinal dos Fagundes é elevado à Freguesia de São Sebastião Mártir, denominação dada naquela época aos povoados visitados pelos carroceiros viajantes, pois ali havia fregueses para comprar suas mercadorias.

Finalmente, em 11 de maio de 1891, acontece a instalação do município, que recebe a denominação de Venâncio Aires, tendo como sede a Vila de São Sebastião Mártir. O nome foi escolhido para homenagear o político e jornalista Venâncio de Oliveira Ayres, nascido em São Paulo e atuante no movimento que culminou com a proclamação da república. A denominação "cidade de Venâncio Aires" foi adotada a partir de 02 de março de 1938.

DE ONDE VIEMOS

A presença indígena na América Latina remonta há, pelo menos, 11 mil anos. Embora tivessem sido as primeiras, as populações indígenas foram renegadas e hoje amargam a discriminação dos demais povos, salvo aqueles descendentes que adotaram a cultura dos povos europeus.

Os registros mais antigos apontam a chegada dos conquistadores portugueses e espanhóis a partir de 1600, sendo que a ocupação definitiva do território se deu a partir de 1700. Os portugueses são chamados luso-açorianos. Lusos ou lusitanos são os que vieram de Portugal (continente). Açorianos ou ilhéus são os que vieram da região das ilhas pertencentes aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, que fazem parte de Portugal.

Já os espanhóis são oriundos da região de Castella (castelhanos) e da região da Maragateria (maragatos). Durante o período do Brasil-Império, eles imigraram da Espanha para o Uruguai e Paraguai, entrando no Brasil através do Rio Grande do Sul.

Os negros, que chegaram junto com os casais del rey, por volta de 1750, vieram como escravos. Angola e Moçambique estão entre os países africanos que mais forneceram negros para o Brasil.

A última etnia predominante em Venâncio Aires veio de diversos territórios germânicos, da Alemanha, Áustria e Prússia, especialmente da região de Böhmer. Aqui ficaram conhecidos como boêmios. A primeira colônia de imigrantes foi aberta em 1856 na Estância Mariante.

ÍNDIOS

Alguns vestígios comprovados pelos moradores das proximidades da gruta do Cerro do Baú, ligam Venâncio Aires à história dos primeiros núcleos de concentração demográfica sediados nos Sete Povos das Missões.

Foi do índio missioneiro que o gaúcho herdou o hábito do chimarrão e ao longo do tempo transformou a erva-mate em importante fonte de renda e objeto de valor cultural.



Festa de São Sebastião Mártir: cultura e religiosidade preservados há 132 anos por todas as etnias que formam o povo de Venâncio Aires

Os índios também nos legaram importante contribuição lingüística. A morfologia tupi-guarani explica o significado de várias palavras utilizadas até hoje em nome de lugares, plantas, rios, pássaros e peixes característicos da nossa região. Em Venâncio Aires não existe nenhuma comunidade indígena organizada.

CONQUISTADORES

A partir de 1500 e durante três séculos, o Brasil foi explorado pelos povos conquistadores. No Rio Grande do Sul, estes povos são representados pelos portugueses e espanhóis. Enquanto os castelhanos e maragatos tentavam conquistar terras para a Coroa Portuguesa; luso-açorianos e ilhéus avançavam sobre o território gaúcho, em verdadeiras cruzadas de conquista. Os espanhóis tinham à frente os missionários jesuítas da Companhia de Jesus, enquanto os portugueses construíam fortificações em honra aos santos católicos.

O povoamento das terras do pampa e das encostas da Serra Geral, inicialmente com os casais del rey (1750) e com imigrantes germânicos (1824), deu aos portugueses supremacia na região de conquistas e o território do Rio Grande de São Pedro foi definitivamente dominado pela Coroa Portuguesa.

Além do idioma oficial, a contribuição da etnia portuguesa está presente na prática da lida campeira, na criação de gado, no comércio, no cultivo das tradições gaúchas e na religiosidade. Neste caso, é necessário destacar a contribuição espanhola, presente no sotaque gauchesco, nos hábitos, tradições e mesmo em algumas palavras utilizadas até hoje no linguajar do nosso povo.

Atualmente, a presença luso-açoriana em Venâncio Aires aparece nas regiões de terras baixas, na margem Leste da cidade, nos distritos de Estância Nova, Mariante, Palanque e no extremo Oeste, em parte do distrito de Deodoro.

NEGROS

A presença africana no Rio Grande do Sul deu-se a partir de 1726, com a chegada da frota de João de Magalhães. Eram negros descendentes de baianos, trazidos para trabalhar como escravos nas fazendas e estâncias. Em Venâncio Aires, o registro mais antigo data de 1798.

Por volta de 1850, os negros formaram irmandades, das quais participavam homens livres, escravos e mestiços. No Faxinal dos Fagundes existiu a Irmandade de São Sebastião Mártir.

Outra forma de manutenção da cultura e da identidade africana foi a criação de quilombos, para onde os negros refugiados procuravam abrigo. Em Venâncio Aires existiu um quilombo em Linha Santa Emília, proximidades do Cemitério dos Machado.

A mão-de-obra escrava foi proibida em zonas de imigração em 1848. Caçados

na África como animais selvagens, os escravos chegaram ao Brasil sem identidade. Por isso, receberam nomes portugueses. Os sobrenomes mais comuns nas comunidades negras são Silva, Rosa, Sá, Santos e Rodrigues.

O carnaval e a tradição religiosa africana representam a contribuição mais importante dos negros na formação do povo de Venâncio Aires. Na localidade de Linha Taquari Mirim ainda está de pé aquela que pode ser a última casa-grande do município, onde comprovadamente habitaram estancieiros donos de escravos.

Atualmente, a etnia negra está bastante miscigenada, porém dois núcleos ainda se destacam: um no bairro Cidade Alta e outro em Vila Arlindo.

IMIGRANTES

A última grande etnia a formar o povo venâncio-airense foi a dos germânicos. Com muito trabalho e suor, transformaram áreas de mata em terra produtivas.

De 1856 a 1900, foram criados dez núcleos colonizadores em terras que iriam compor o município de Venâncio Aires a partir de 1891.

O espírito associativista, a dedicação ao trabalho, o cultivo das tradições culturais e religiosas, a culinária e a arquitetura são algumas das contribuições dos germânicos, mantidas até hoje. Muito presente também está a influência do idioma, através do sotaque característico, que também identifica os imigrantes italianos, árabes e japoneses, que igualmente vieram para o Brasil em busca de dias melhores e que ajudaram na formação étnica do povo venâncio-airense.

A presença germânica é marcante nas regiões de colonização dos distritos de Santa Emília, Vale do Sampaio, Centro Linha Brasil, em parte dos distritos de Deodoro e Palanque e na cidade. A presença italiana aparece na cidade e em localidades próximas, como Linha Bela Vista, Linha Bem Feita e Herval Mirim.



Festas de carnaval, herança dos africanos



A arquitetura colonial alemã se destaca no interior do município



A erva-mate e o chimarrão, legados da cultura indígena

A evolução e a situação atual

De 1762 a 1862, a evolução do território de Venâncio Aires limitou-se na divisão das grandes sesmarias em áreas menores para os descendentes dos primeiros proprietários. Durante 100 anos, a paisagem foi composta por grandes áreas de pastagens e áreas cobertas por mata nativa.

A evolução do Faxinal dos Fagundes se deu efetivamente com a chegada dos imigrantes. Outro fator fundamental para o desenvolvimento foi a doação feita por Brígida do Nascimento da área de terras onde hoje está o núcleo central da cidade. Em 1864, o Faxinal contava com pouco mais de 10 casas.

Atraídos para o Brasil pelo imperador D. Pedro II e por sua mãe, a imperatriz Dona Leopoldina, os imigrantes iniciaram a ocupação do Faxinal a partir de 1874, quando as primeiras casas foram erguidas nos lotes adquiridos da Empresa Colonizadora Pereira, a mesma que administrou a Colônia de Santa Emília. É a partir desses dois acontecimentos, que o núcleo urbano começa a evoluir nos aspectos religioso, político, econômico, social, educativo e cultural.

RELIGIÃO

A convivência entre católicos e evangélicos

Desde a chegada dos imigrantes, até meados de 1970, os aspectos religiosos em Venâncio Aires eram centrados nas comunidades católica e evangélica luterana. Apesar do respeito mútuo, havia um visível distanciamento entre as famílias, resquícios da Reforma Protestante de Martinho Lutero em 1517. Nos últimos 30 anos, as comunidades iniciaram uma aproximação, influenciada, em parte, pelo crescimento de outras doutrinas religiosas, diferentes da luterana e da católica tradicionais.

COMUNIDADE CATÓLICA

Antes da chegada dos imigrantes, não há registros de templos religiosos em território venâncio-airesense. Ao anunciar a doação das terras para a comunidade, Brígida teria dado o prazo de 10 anos para a construção da primeira capela que seria chamada de São Sebastião do Faxinal, a quem era devota. Para alcançar a meta, parte da área doada foi vendida em lotes para os imigrantes e, com o dinheiro, foi erguida a primeira capela. Em 1874 foram edificadas as

primeiras casas nos terrenos vendidos da doação de D. Brígida, dando assim o início ao núcleo urbano.

A 3 de janeiro de 1876 foi lançada a pedra fundamental da primeira capela, que obedeceria ao estilo colonial português. Neste mesmo ano foi realizada a primeira Festa do Bastião, organizada pela Irmandade de São Sebastião Mártir. Desde então, a festa acontece anualmente e a cada ano com maior participação popular.

A partir de 1881, padres jesuítas da Companhia de Jesus, de Santa Cruz do Sul, começaram a atender na pequena capela.

MATRIZ

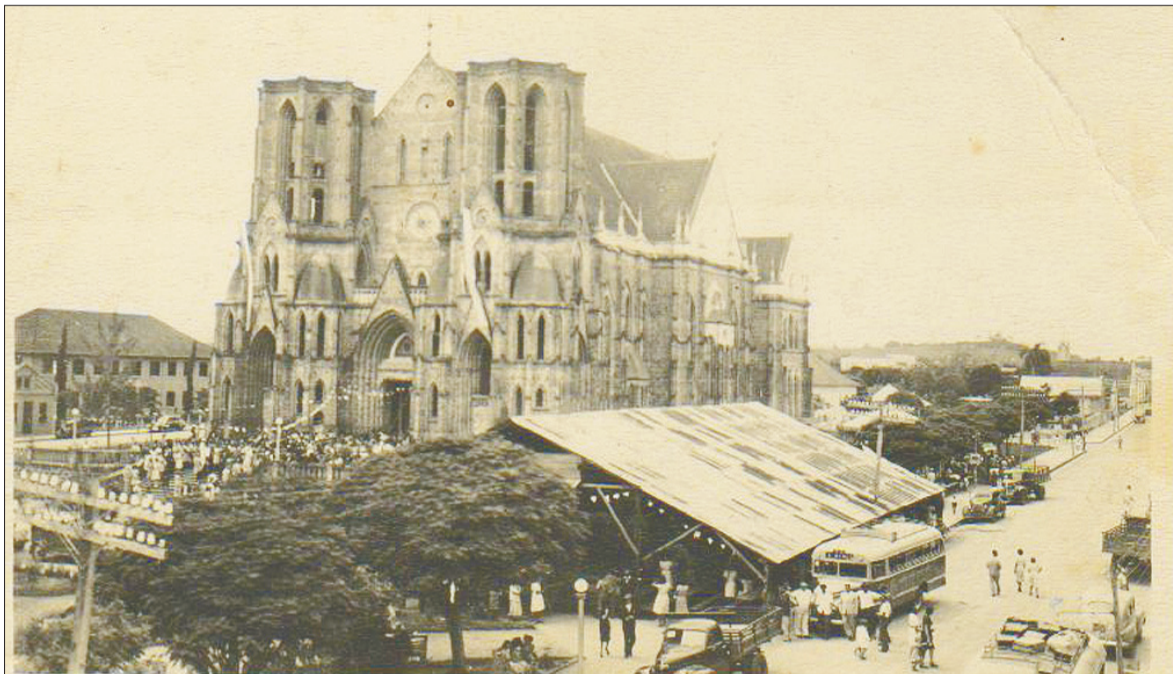
A paróquia foi criada em 08 de abril de 1884, mesmo dia em que o Faxinal foi elevado à condição de Freguesia de São Sebastião Mártir. O rápido crescimento populacional e a influência dos imigrantes fizeram crescer entre a população a necessidade da construção de uma igreja. A primeira igreja matriz (anterior à atual) foi inaugurada em 1894, em frente da antiga capela, que permaneceu em pé por mais alguns anos. Obedecia ao estilo europeu, com uma nave central e uma torre.

Já a monumental igreja matriz São Sebastião Mártir, a segunda maior da América Latina em estilo neo-gótico, teve suas obras iniciadas em janeiro de 1929 e concluídas em 1958. As obras foram paralisadas de 1934 a 1952, quando faltava erguer as torres. O templo conta com duas torres de 65 metros de altura e tem capacidade para abrigar até 2.000 fiéis. Um personagem de destaque na história religiosa de Venâncio Aires foi o cônego Albino Juchem. Ele chegou à cidade em 1917 e atuou à frente da comunidade católica durante 48 anos.

A praça Coronel Thomaz Pereira, também chamada Praça da Matriz, foi construída entre os anos de 1932 e 1934. Possui muitas árvores, canteiros e jardins; uma praça infantil, banheiros públicos e um chafariz central. Também possui muitos monumentos históricos, entre os quais o busto de Venâncio de Oliveira Ayres.

COMUNIDADE EVANGÉLICA

A história da comunidade evangélica luterana remonta o ano de 1884, quando chegou por aqui o pastor Wilhelm Ehemann, vindo da Alemanha. A primeira igreja foi inaugurada



Procissão do Bastião em 1937, em torno da igreja sem as torres



Busto de Venâncio Aires na praça da matriz



Primeira capela aparece um pouco atrás da primeira igreja matriz

em 1912, em terreno negociado com a família do major Hermes Pereira. Este templo serviu aos fiéis durante 70 anos. No mesmo terreno, a atual igreja, em estilo arquitetônico moderno, foi inaugurada no dia 28 de novembro de 1982.

A primeira festa evangélica foi realizada em 1948 e organizada pela Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas - OASE. Até 1976, esta festa aconteceu em vários locais da cidade. A partir daquele ano, a comunidade evangélica passou a utilizar os pavilhões São Sebastião Mártir.

A praça Henrique Bender, também conhecida como Praça Evangélica, foi construída pelo município na década de 1940. A exemplo da praça da igreja católica, é bastante arborizada, possui vários passeios e canteiros gramados. Também possui uma praça infantil, sanitários públicos e vários monumentos erguidos ao longo da história, entre os quais se destacam a carta-testamento de Getúlio Vargas e o Monumento à Independência, que ostenta a bandeira do Brasil, inaugurado no ano 2000.

Até meados dos anos 1970, os fiéis eram ou católicos ou evangélicos luteranos. Atualmente, há um grande número de igrejas evangélicas de outras confissões, com destaque para a Assembléia de Deus, a do Evangelho Quadrangular, a Deus é Amor e a Universal do Reino de Deus, entre outras.



Rua Osvaldo Aranha em 1910



Atual prédio da Igreja Evangélica



Igreja Assembléia de Deus veio para Venâncio em 1965

Da época dos coronéis para a democracia

Em 1883, o agrimensor Antônio Azambuja Villanova desenhou os traços das primeiras ruas centrais de Venâncio Aires. Na direção Norte-Sul, o mapa ia das ruas Sete de Setembro até a Conde D'Eu. De Leste-Oeste, da Felix da Cunha à rua Bismarck (atual Julio de Castilhos). A rua Osvaldo Aranha se chamava 28 de Setembro; a Jacob Becker era a rua São Sebastião; a Reinaldo Schmaedecke foi batizada rua Aquidaban.

Em 8 de abril de 1884, a povoação foi elevada à categoria de freguesia. Nos anos seguintes, mais e mais imigrantes chegaram. Tal foi o progresso que, em 1890, a população atingia 6.984 habitantes, sendo 6.500 nas colônias.

A interferência dos políticos republicanos foi decisiva na emancipação de Venâncio Aires. Merece destaque a atuação do coronel Thomaz José Pereira Júnior, nomeado para coordenar a organização política do município pelo Partido Republicano Rio-grandense. A 30 de abril de 1891, pouco mais de um ano após a proclamação da República, o então vice-governador do Estado do Rio Grande do Sul, Fernando Abott, assinou o Ato

371, elevando a Freguesia de São Sebastião Mártir à categoria de Vila. A instalação oficial do município aconteceu em 11 de maio do mesmo ano, quando ocorreu a instalação do Conselho Municipal.

No primeiro ano, o novo município foi administrado por uma Junta Governativa, composta por José Antônio Gonçalves Agra (coronel Agra), Henrique Myllius e Cristiano Rupperti Filho. No ano seguinte, Antônio Azambuja Villanova Filho (coronel Villanova) foi nomeado para ocupar o cargo de primeiro intendente municipal (prefeito da época).

O coronelismo marcou a administração pública até a década de 1930. Neste período, os destinos do município estiveram nas mãos de três coronéis: Narciso Mariante de Campos (intendente por duas vezes), Thomaz José Pereira Jr. (três vezes) e João Luiz Ferreira de Brito (três vezes). Este último não era militar.

Até 1930, Venâncio Aires teve 10 administrações ocupadas por intendentes. Naquele ano, Getúlio Vargas assumiu a presidência da República e impôs novo sistema de governo, que passaria para a história como a Revolução de 30. A partir daí, o cargo de



Prédio da Câmara de Vereadores, inaugurado em 2007

chefe do Poder Executivo passou a ser chamado de prefeito, até os dias atuais.

O primeiro imigrante alemão a ocupar o cargo de prefeito foi Jacob Becker, de 1928 a 1932.

De 1932 a 1947, o cargo de chefe do Executivo foi ocupado por prefeitos nomeados. Foram sete ao todo. De março de 1937 a abril de 1938, a cadeira principal da prefeitura foi ocupada pelo presidente da Câmara de Vereadores, Vicente Schuck.

Em 1938, o núcleo urbano de Venâncio Aires passou a ser chamado de cidade. Mariante e Deodoro, os dois núcleos urbanos mais importantes do interior, foram elevados à categoria de Vila e sede do segundo e do terceiro distritos, respectivamente. Na época havia somente dois distritos além da sede principal. Em 1994 aconteceu a última divisão



Wilmuth Bergmann foi vereador 11 vezes



Alfredo Scherer foi prefeito quatro vezes

territorial, com a criação dos atuais nove distritos.

A partir de 1948 até os dias atuais, o prefeito é escolhido através de votação popular.

Em toda a história política de Venâncio Aires, o prefeito que mais vezes ocupou o cargo foi Alfredo Scherer, eleito por quatro mandatos.

Atualmente, o cargo máximo do município é ocupado pelo prefeito Almedo Dettenborn, que está na sua terceira administração.

O primeiro prédio da prefeitura municipal foi construído na época da primeira Junta Governativa. O atual prédio foi inaugurado na década de 1960.

CÂMARA DE VEREADORES

Para auxiliar na tomada de decisões importantes, o intendente consultava a opinião dos conselheiros municipais, cargo equivalente aos vereadores atuais. O primeiro Conselho Municipal contou com sete representantes, eleitos pela comunidade. Foi assim até 1930, quando entrou em vigor o Estado Novo, resultado da

revolução comandada por Getúlio Vargas.

Durante o Estado Novo, o Poder Legislativo passa a ser representado pela Câmara Municipal de Vereadores no lugar do antigo Conselho. O período é marcado pelo autoritarismo: o conselho foi dissolvido e os prefeitos passaram a ser nomeados.

A democracia volta a imperar em 1947, com a eleição da primeira Câmara Municipal, composta por nove membros.

Até os dias atuais, o sistema de eleição dos vereadores permanece o mesmo. Neste período, merece destaque o vereador Wilmuth Bergmann, eleito por 11 mandatos consecutivos, permanecendo na função de 1955 a 2004.

Até a década de 1970, o cargo de vereador não era remunerado. Na eleição de 1988, a Câmara Municipal foi composta por 19 membros. Na atual legislatura, a Câmara conta com 10 representantes. As reuniões ordinárias acontecem na segunda-feira à noite, no prédio próprio do Poder Legislativo, inaugurado em 2007.



Coronel Thomaz José Pereira Júnior



Almedo Dettenborn está na sua terceira administração



Atual prédio da prefeitura municipal é da década de 1960

A tecnologia encurtando distâncias

Comunicar-se a longas distâncias, nos dias atuais, é fácil e cômodo. Entretanto, até 1904, os venâncio-airesenses só a carta, que era levada a cavalo ou a pé pelos mensageiros. Naquele ano, o intendente municipal Narciso Mariante de Campos enviou a primeira mensagem via telégrafo. Estima-se que esse ano marca o início das atividades dos Correios e Telégrafos no município.

Quatro anos mais tarde, em 17 de janeiro de 1908, era celebrado um contrato entre a intendência municipal e a Companhia Telefônica Rio-grandense para instalar aparelhos nas casas comerciais da vila e no prédio da intendência e da Guarda Municipal. Em 1911 o município assumiu o serviço. Em 1913 foi construída a primeira rede, ligando a vila com Mariante (Porto Gomes), Linha Herval e Sampaio, com projeção para alcançar os municípios vizinhos. Porém o município não conseguiu acompanhar o crescimento da demanda e, em 1917, concedeu novamente o serviço para a CTRG, desta vez por 15 anos. Em 1927 o município já possui condições tecnológicas de enviar mensagens fonográficas e telegráficas para qualquer parte do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo, onde houvesse um aparelho receptor. O sistema funcionava através de um centro telefônico, onde uma pessoa operava o aparelho e realizava as chamadas solicitadas pelos usuários. Vale lembrar que este sistema encontra-se em uso até hoje em algumas localidades do interior de Venâncio Aires.

Em 1977 ocorreu a automação do sistema. Naquele ano, o município contava com 700 terminais instalados. No mesmo ano foram instalados os primeiros sete terminais públicos (orelhões) na cidade.

Em 1997 os serviços da CRT foram transferidos para a iniciativa privada e, desde então, são de responsabilidade da Brasil Telecom, que também opera uma banda de telefonia celular.

A comunicação via celular iniciou logo após a privatização da CRT. Atualmente, além da Brasil Telecom, o serviço é oferecido pelas empresas Vivo, Claro e Tim, que alteraram a paisagem urbana e das proximidades das duas principais rodovias asfaltadas, com suas antenas transmissoras.

CORREIOS

O serviço de Correio seguiu destino diferente dos telefones. Administrado pelo governo federal, o serviço é prestado no prédio da esquina das ruas Tiradentes com Reinaldo Schmaedecke desde 1949. Ao longo dos anos, a agência firmou convênio com casas comerciais do interior, para centralizar a

entrega de cartas. Na década de 1990, através de uma parceria com a iniciativa privada, foram criadas agências de correios franqueadas. Em Venâncio Aires foi criada a ACF Fênix.

RÁDIOS

A comunicação via rádio teve início na década de 1930, quando o encantadense Orven Petinelli (ou Piccinelli) montou um pequeno estúdio de transmissão e espalhou fios e alto-falantes pelos postes da rua principal. A rádio logo foi apelidada de A Voz do Poste e funcionou por alguns anos. Em meados dos anos 1950, outra rádio, mais moderna, funcionou no mesmo sistema, com o nome de A Voz de Ouro.

A atual Rádio Venâncio Aires AM, uma das mais antigas do Rio Grande do Sul, teve seu sinal aprovado pelo Ministério de Viação e Obras Públicas no dia 30 de outubro de 1959. Atualmente, ela opera na frequência de 910 KHz.

A primeira emissora de rádio em Frequência Modulada foi a rádio Terra FM, cujo sinal foi ao ar em 12 de dezembro de 1987. Inicialmente a emissora pertenceu ao grupo RVA. O grupo foi dissolvido em 2002 e a rádio passou a operar como empresa independente na frequência de 105.1 MHz.

Com o avanço da tecnologia informatizada, as duas emissoras também transmitem o sinal via internet.

JORNAIS

Venâncio Aires recebeu seu primeiro periódico escrito em 1972. Até então, o jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, era o mais lido em língua portuguesa. Havia também periódicos escritos em alemão, que chegavam até as famílias de origem. O Kolonie (Colônia) foi o mais importante nos anos de 1940 e 1950.

No dia 06 de outubro de 1972 começou a circular o Jornal Folha do Mate, como empresa integrante da Rádio Venâncio Aires. Por dois anos, o jornal circulou uma vez por semana. Em 1974 passou a bissemanal, até outubro de 2007, quando ampliou a circulação para três vezes por semana. Em 1983, a empresa jornalística foi adquirida por Asuir Silberschlag. No mesmo ano, a redação e as partes administrativa e comercial foram transferidas para o edifício na esquina das ruas General Osório com Tiradentes, onde está até hoje.

Desde a década de 1980, o município teve vários jornais e revistas. Os de maior destaque foram o Jornal de Venâncio (JV) e a Gazeta do Chimarrão e a revista Stampa.



Prédio da Brasil Telecom. Ao fundo a torre de telefonia celular

PODER JUDICIÁRIO

O Poder Judiciário foi constituído em Venâncio Aires no dia 13 de janeiro de 1961, com a instalação da Comarca local. Atualmente, o município conta com um Juiz de Direito e dois promotores públicos.

As atividades da Justiça são desenvolvidas em amplas e modernas instalações do Fórum e da Promotoria Pública, inauguradas em 11 de abril de 2007.

Estão entre as funções do Poder Judiciário, a organização e realização das eleições municipais. Em setembro de 2007, Venâncio Aires contava com 48.581 eleitores.

Mas a principal tarefa do Poder Judiciário é zelar e fiscalizar a manutenção da segurança e a ordem públicas, tarefas executadas pela Brigada Militar e Polícia Civil. O município também conta com uma guarnição do Corpo de Bombeiros e uma equipe municipal que auxilia no controle do trânsito.

A presença da Brigada Militar de Venâncio Aires data de 1936. As instalações atuais da 3ª Companhia de Policiamento foram inauguradas no dia 11 de novembro de 1982. É de sua responsabilidade o policiamento ostensivo, o patrulhamento ambiental, a fiscalização de trânsito e a atuação no combate ao crime. Até a década de 1940, a cidade possuía um quartel chamado Tiro de Guerra 276, que funcionava onde atualmente está o Correio.

Já a Polícia Civil atua em Venâncio Aires desde a criação do município. Rufino Pereira, irmão do coronel Thomaz Pereira, foi o primeiro delegado. Sua principal atribuição é a investigação e apuração de inquéritos, com vistas a organizar os processos judiciais encaminhados ao Fórum. O atual prédio da DP local foi inaugurado em junho de 1975.

O quartel da 6ª Guarnição de Combate a Incêndio do Corpo de

Bombeiros de Venâncio Aires foi inaugurado em 30 de dezembro de 1987. Além de atuar no combate às chamas, a instituição auxilia no atendimento às vítimas de acidente de trânsito, prestando os primeiros socorros; efetua salvamentos e atua na prevenção de acidentes.

EDUCAÇÃO

Cidade concentra maiores escolas públicas e privadas

No Fxinal dos Fagundes, há registro das primeiras aulas particulares, em 1880, na casa de Ismael Marques da Costa, nas proximidades de onde hoje é o Parque do Chimarrão. Na cidade, a escola particular mais antiga em atividade é o Colégio Nossa Senhora Aparecida, cujas raízes datam de 1915, quando teve início a Escola Paroquial da Aliança Católica. O prédio atual foi construído na década de 1960 e atende atualmente 338 alunos do ensino fundamental e médio.

O Colégio Gaspar Silveira Martins surgiu na década de 1950. Inicialmente as aulas funcionaram junto à igreja evangélica. O atual prédio começou a ser construído em 1953. Conta atualmente com 290 alunos, das classes fundamental e média.

A história do Colégio Professor José de Oliveira Castilhos iniciou em 10 de março de 1963, fazendo parte da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC. Atualmente esta escola é administrada pela Cooperativa de Professores – Coopeva e conta com 400 alunos, nos níveis fundamental e médio. No Colégio Oliveira também funciona uma extensão da Faculdade D. Alberto, de Santa Cruz do Sul, que oferece cursos de nível superior.

A mais jovem escola da rede privada pertence à Universidade de Santa Cruz do Sul. Inaugurada em 2004, o prédio localizado próximo ao distrito industrial contava, em 2007, com 300 alunos em quatro cursos de nível superior.

Desde a década de 1980, proliferaram na cidade as escolas infantis, inicialmente chamadas creches, que atendem crianças até os seis anos de idade.

PÚBLICO

Entre 1959 e 1963, o incremento dos setores de serviços públicos se deu com a construção e ampliação de escolas municipais e estaduais, especialmente na periferia e nas comunidades do interior. Surgiram as chamadas Brizoletas, escolas-padrão construídas na época do governador Leonel Brizola.

A rede pública estadual conta com duas grandes escolas na parte central da cidade. A Escola Estadual de Ensino Básico Cônego Albino Juchem, criado em 18 de maio de 1965, conta com 1.272 alunos. A Escola Estadual Monte das Tabocas iniciou suas atividades em 1922 e atualmente conta com 1.250 alunos do ensino fundamental, médio e Educação para Jovens e

Adultos – EJA.

Desde meados dos anos 1980, a educação em Venâncio Aires vive um processo de transformação, provocado, basicamente, por um motivo: o êxodo rural. Tanto o Estado quanto o município estão fechando escolas pequenas e centrando o atendimento nas escolas maiores, para onde as crianças são levadas por transporte escolar gratuito.



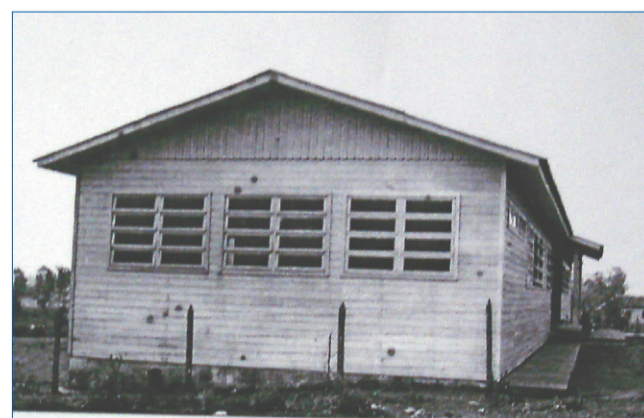
Jornal Folha do Mate funciona neste prédio desde 1983



Prédio dos Correios foi construído em 1949



Guarnição do Corpo de Bombeiros, na rua Jacob Becker



Na década de 1960, governo do Estado investiu na construção de escolas-padrão, chamadas Brizoletas



Alunos posam para foto de formatura na Escola Paroquial na década de 1920



Instalações do Fórum e Ministério Público foram inauguradas em 2007



Aparecida é o colégio particular mais antigo em atividade

A parceria entre o poder público e a iniciativa privada

O mapa desenhado em 1883 pelo agrimensor A.A. Villanova foi a prévia dos que seria as ruas da cidade dali em diante, com suas ruas retas e passeios públicos bem dimensionados. Outro detalhe é a orientação quase que perfeita das ruas, apontando para os quadrantes Norte, Sul, Leste e Oeste.

Até a década de 1960, as ruas eram de chão batido. A primeira rua a receber calçamento foi a Osvaldo Aranha, no trecho entre a prefeitura municipal e a rua Jacob Becker. Atualmente, este trecho corresponde ao Largo do Chimarrão, com canteiros e árvores Tipuanas em ambos os lados, formando um túnel verde.

A grande maioria das ruas da cidade são calçadas com paralelepípedos. Desde a década de 1990, a prefeitura vem cobrindo as ruas principais do centro e algumas ruas da periferia com asfalto. Atualmente, cerca de 10% das ruas já receberam a cobertura negra.

FORÇA E LUZ

As primeiras ruas receberam iluminação com lâmpões a querosene. De 1916 até a década de 1940, o fornecimento de energia elétrica foi de responsabilidade do empresário Jorge Schuck, contratado pela prefeitura municipal. Inicialmente, a energia foi fornecida por uma usina a vapor, semelhante a uma locomotiva de trem. Em 1942 o serviço foi encampado pela prefeitura, que construiu uma Usina Elétrica Municipal, com cinco geradores termoelétricos na esquina das ruas Tiradentes com Sete de Setembro. Na década de 1960, o serviço foi concedido à Companhia Estadual de Energia Elétrica, que passou a distribuir a energia fornecida pela Usina Hidrelétrica de Salto do Jacuí, através da rede de alta tensão que passa na várzea do Castelhanos. A CEEE forneceu luz e força até 1997. Naquele ano, o governo do estado promoveu a privatização de parte de sua estrutura. Em Venâncio Aires, o setor de distribuição e manutenção do sistema foi adquirido pela companhia AES-Sul, que atende a 25.187 consumidores cadastrados. A capacidade instalada

de energia elétrica é de 96.600 volts, distribuídos através de duas subestações, uma em Ponte Queimada e outra nas proximidades do Acesso Leopoldina.

Nos anos 1990, os serviços oferecidos pelo Estado entraram em crise. Em 1997 a energia elétrica e a telefonia foram privatizados, situação que permanece até hoje.

ÁGUA

Além de construir e ampliar os serviços de energia elétrica e telefone, na década de 1960 o governo do Estado passou a administrar a distribuição de água em Venâncio Aires, através da Corsan, criada em 1966. Até então, a água era captada pelos moradores em fontes públicas. Inicialmente, a estatal distribuiu água captada de poços artesanais. Com o crescimento urbano, no início dos anos 1980 a Companhia iniciou o tratamento de água captada no arroio Castelhanos, junto ao aterro do Grão Pará. Em novembro do ano 2000 entrou em operação a atual Estação de Tratamento de Água, no Bairro Morsch, com produção aproximada de seis milhões de litros por dia. A estrutura de abastecimento de água ocupa 141 km de rede na área urbana, para abastecer 15.490 economias.

Na área rural, a distribuição de água é de responsabilidade de associações hídricas particulares, com assistência da prefeitura. Em todo o município são 313 km de rede para beneficiar 2.113 propriedades. O município ainda não dispõe de rede de esgoto cloacal.

TRANSPORTE

Os primeiros caminhões começaram a circular na década de 1930. Na década de 1940, Arthur Selbach tinha uma frota de caminhões. Emílio Selbach teve uma empresa de ônibus, que ligava a cidade com o Porto de Mariante na década de 1950. A cidade ganha sua estação rodoviária, na esquina das ruas Jacob Becker com Julio de Castilhos. Surge em Vila Deodoro a empresa de Transportes de Ottmar Schultz, o Expresso Cruzador. Em



Entre os bancos atuais, a Caixa Federal é a mais antiga na cidade



Fachada atual do STR, o mais antigo sindicato de Venâncio, fundado em 1962

Palanque, Valter Büchner cria a Auto Viação Venâncio Aires.

Na década de 1960, o setor recebeu forte impulso e passou a representar importante fonte de renda. As famílias Büchner (de Palanque) e Reckziegel (Linha Cecília) progrediram no setor de transporte coletivo. O centro de Venâncio Aires se torna rota de passagem dos ônibus da região da serra, de Santa Cruz, Lajeado e Porto Alegre. A RS-422 se torna a rodovia mais importante da região.

Na década de 1970, o crescimento da cidade também atrai as empresas que até então estavam sediadas no interior. A um incremento no setor de hotelaria, postos de combustível e serviços de táxi. A construção das rodovias RSC-287 e RSC-453 marcam o início de uma nova era para Venâncio Aires. Em 1974 a cidade é ligada às duas rodovias pelo Acesso Leopoldina.

A década de 1980 é marcada pela inauguração do novo Terminal Rodoviário, em 1983, na rua Voluntários da Pátria, para desafogar o excessivo movimento no centro da cidade. O acesso a Palanque pelo aterro do Grão Pará recebe asfalto. Neste período, a empresa de transportes Expresso Cruzador alcança destaque nacional e internacional, transportando mercadorias para todo o país e para o exterior.

Na década de 1990 parte da

rua Osvaldo Aranha é coberta com asfalto. Nasce a Transportadora Augusta, atualmente a maior empresa de transportes de carga de Venâncio Aires, com transporte nacional e internacional. No mesmo ano, o Expresso Cruzador entra em concordata, encerrando as atividades poucos anos depois. A cidade ganha o serviço de transporte coletivo urbano. Surgem as empresas de ônibus Viasul e Chimatur, resultado da cisão da Auto Viação Venâncio Aires. A rua Carlos Wagner é asfaltada, ligando os bairros Santa Tecla e Gressler. O transporte coletivo é incrementando com várias pequenas empresas de transporte de passageiros em vans do tipo Topic e Sprinter.

Na atual década, novas ruas da cidade e da periferia recebem asfalto. Na rua Osvaldo Aranha é construído o calçadão e o chimmarródromo, mudando a paisagem da região central da cidade. O serviço de táxi conta atualmente com 89 veículos. A cidade também conta com um aeroporto, com pista de 1.200 metros, administrado pelo Aero Clube de Planadores desde 1985.

BANCOS

A primeira agência bancária foi o Banco da Província, instalado no dia 18 de agosto de 1920. Na década de 1930, as cooperativas de crédito atuam com destaque no financiamento aos agricultores. Em 1945, a Caixa Rural inaugura sua agência em prédio próprio, na esquina das ruas Osvaldo Aranha com Sete de Setembro. Em 1953, a cidade ganhou um imponente edifício, construído especialmente para o Banco Nacional do Comércio. Nenhum deles existe mais.

Na década de 1960, a cidade recebe as agências bancárias mais antigas em atividade até hoje. Primeiro foi a Caixa Federal (11.08.1964); depois a Caixa Estadual (31.03.1965, não existe mais). O Banco do Brasil foi inau-



Fachada atual do Hospital São Sebastião Mártir

gurado em setembro de 1968.

Em 1977 a cidade ganhou a primeira agência do Banrisul. Nas décadas de 1980 e 1990, o sistema bancário brasileiro sofreu reformulações, com o crescimento de bancos privados e a privatização de bancos públicos. Neste período, Venâncio Aires ganhou uma agência do Bradesco e do Banco Sicredi.

SINDICATOS

As entidades sindicais mais antigas instalaram na década de 1960. Primeiro foi o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, representando os pequenos produtores, a maioria descendentes de imigrantes alemães. Em 06 de dezembro de 1969 foi fundado o Sindicato Rural, com representação junto aos grandes proprietários e produtores.

Na década de 1970 surgiu o Sindicato da Alimentação (31.03.1975), para defender os interesses dos empregados em indústria de trigo, milho, soja, mandioca, café, erva-mate, carnes e derivados e, especialmente, nas indústrias fumageiras. Em 1991, a entidade adotou o nome de Sindicato das Indústrias do Fumo, Alimentação e Afins, mantido até hoje.

Nos anos 1980, com o incremento da indústria, surgiram o Sindicato da Construção Civil e Mobiliário (1983), o Sindicato dos Sapateiros (calçadistas) e Vestuário (agosto de 1984), o Sindicato dos Metalúrgicos (17.02.1989) e o Sindicato dos Servidores Municipais (17.11.1989). As categorias dos comerciários, bancários, eletricitários, urbanitários e professores possuem representação no município.

SAÚDE

Os serviços de saúde são de responsabilidade do município e do estado, que mantém convênios com o governo federal,

através do Sistema Único de Saúde – SUS e com a iniciativa privada. Inaugurado em 22 de julho de 1935, o Hospital São Sebastião Mártir é a principal referência. Em 2007, o hospital contava com 71 leitos conveniados com o SUS e 47 leitos particulares. Nos últimos anos vêm recebendo diversas obras de ampliação e melhoria, como o pronto atendimento, inaugurado em 2007.

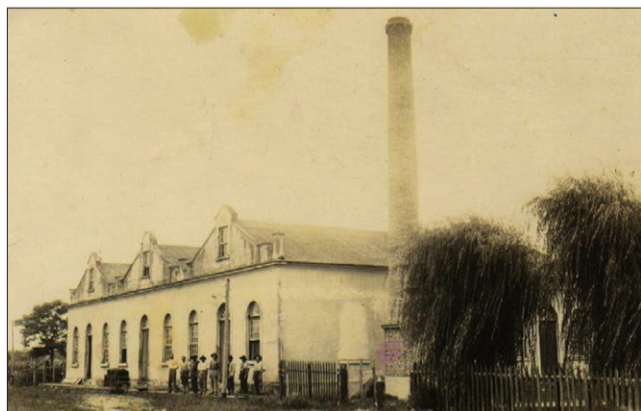
O município administra 16 postos de saúde, na cidade, periferia e interior. Nestes postos atuam 28 médicos, 13 odontólogos e 46 agentes comunitários. O setor de assistência social da prefeitura dá atendimento a mais de 15 mil pessoas cadastradas. Em todo o município existem 601 empresas prestadoras de serviço.

CLUBES

A partir de 1959, os clubes de serviço começam a se organizar na cidade. Formados por voluntários, atuam na assistência social, organizando eventos e incentivando o civismo e a cultura. Confira no quadro a relação dos principais clubes existentes atualmente.

CLUBES DE SERVIÇOS (ONGS)

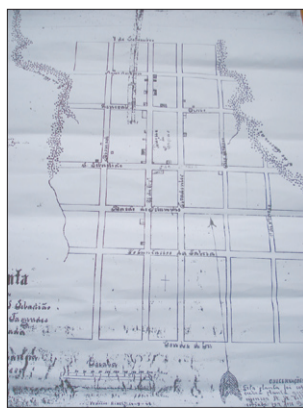
Lions Club Venâncio Aires Centro
Lions Club Melvin Jones
Rotary Club Venâncio Aires Centro
Rotary Club do Chimarrão
Interat, Rotaract e Leo Clube
Núcleo de Lions do Colégio Oliveira Castilhos (Cooperativa)
Liga Feminina de Combate ao Câncer
Apae – atendimento a portadores de deficiência
Caciva – Câmara de Comércio e Indústria
Centro Assistencial João XXIII
Comitê da Cidadania contra a fome



Neste prédio funcionou uma usina termoelétrica na década de 40



Primeiro caminhão da frota de Arthur Selbach na década de 1940



Mapa da cidade desenhado em 1883



Fachada do Banco Nacional do Comércio na década de 1950

A colonização italiana de Linha Bela Vista

Distante aproximadamente quatro quilômetros do centro de Venâncio Aires, Linha Bela Vista teve origem por volta de 1920 com o nome de Cancha do Boqueirão. Na época, todo o território pertencia ao Faxinal dos Fagundes. No mapa de Venâncio Aires de 1930, a principal referência era a casa de comércio de José Tirelli, inaugurada em 1922. De origem italiana, Tirelli foi um dos primeiros moradores a adquirir terras, juntamente com outros italianos de sobrenome Beati e os Mirandolli. Entre os lusos mais antigos estão as famílias Fagundes, da Luz, Costa, Guterres e Carvalho.

A expressão "bela vista" surgiu da manifestação espontânea das pessoas que, antigamente, ao chegarem na localidade, ficavam admiradas com a bela paisagem, favorecida pelo relevo elevado e porque dali era possível avistar a vila de Venâncio Aires, que estava em franco desenvolvimento na época.

ESTRADA

Bela Vista está entre as localidades de Venâncio Aires que se formaram às margens da antiga estrada que ligava o porto de Mariante a Rio Pardo e Santa Cruz do Sul. A estrada também foi importante elo de ligação com as regiões produtoras de Linha Hansel, Linha Arlindo e Tangerinas, colonizadas por imigrantes germânicos. Uma pequena rótula com uma pracinha foi construída no entroncamento das duas estradas.

A partir da década de 1970, após a abertura da rodovia RST-287, a localidade entrou em decadência econômica, só voltando a experimentar o progresso a partir da década de 1990, quando a prefeitura criou uma nova área industrial. As empresas atraíram mais trabalhadores, que foram se instalando em torno. Novos loteamentos foram abertos. A urbanização aumentou e hoje parte de Linha Bela Vista integra a zona urbana de Venâncio Aires. A antiga estrada velha para Santa Cruz do Sul foi batizada de rua Armando Ruschel e ganhou acesso asfaltado.

EDUCAÇÃO

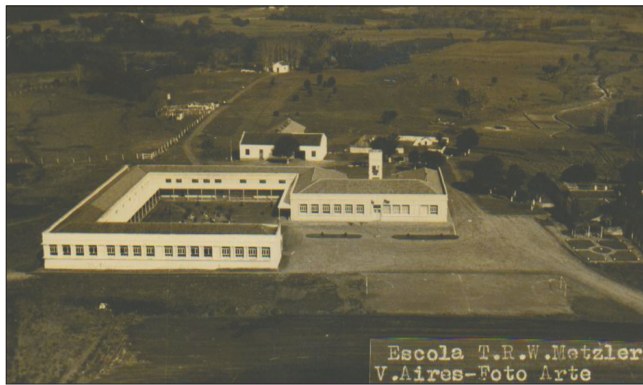
A localidade conta com duas



Loteamento da Cohava está sendo implantado



Capela São José, ao lado do pavilhão comunitário



Prédio e parte da área da Escola Agrícola Wolfram Metzler em 1960



Equipe da E.E. José Tirelli em 2007

escolas estaduais. A mais antiga iniciou suas atividades no dia 15 de fevereiro de 1926, com o nome de Aula Subvencionada Federal. A primeira professora foi Hermínia de Miranda da Costa. Em 1938, a Aula Subvencionada foi transformada em Escola Estadual Isolada de Bela Vista. Em 1949 foi construído o prédio que até hoje recebe os alunos da localidade e localidades vizinhas. O prédio, de madeira, mantém as mesmas características de quase 60 anos atrás.

A família de José Tirelli teve importante participação no desenvolvimento da educação e de toda a localidade. Ele foi o doador dos terrenos para a construção da escola, da capela e da pracinha. Em reconhecimento aos serviços prestados, em 1985 ele foi escolhido patrono da escola. Em 2007 a Escola Estadual de Ensino Fundamental José Tirelli contava com 19 alunos, uma funcionária e uma merendeira, sob orienta-

ção da professora Rosane Isabel Hartung. Em 2008 o número de alunos subiu para 34.

A outra escola de Bela Vista nasceu para ser um centro de formação de jovens rurais. A Escola Estadual Wolfram Metzler foi inaugurada no dia 23 de março de 1957. No entanto, nas últimas três décadas a instituição enfrentou dificuldades para alcançar seus objetivos, dentro da área de quase 100 hectares que possui. Diante da nova realidade urbana da localidade, hoje a escola atende a 560 alunos do pré a 8ª série. São 38 professores e nove funcionários, coordenados pela diretora Flávia Beatriz dos Anjos. Os alunos mantêm contato com atividades agrícolas, porém não há mais o regime de internato.

RELIGIÃO

A única capela de Bela Vista



Monumento ao motorista foi erguido em 1972



José Tirelli nasceu na Itália

está localizada ao lado da pracinha e do pavilhão de festas. Construída em 1967, pertence a comunidade católica São José.

As primeiras sociedades foram: Tiro ao Alvo, Sociedade de Damas Primavera e o clube de bolão Cancha do Boqueirão. Mais recentemente, a Sociedade de Damas Sempre Unidas. Na pracinha defronte à capela foi construído, em 1972, um monumento em homenagem aos motoristas.

Outro esporte muito difundido antigamente era a corrida de cavalo em cancha reta, onde a família Tirelli também se destacou. Atualmente, Paulo Tirelli administra a Sociedade Hípica, promovendo penças com cavalos e jóqueis de toda a região. Na área tradicionalista, destaca-se o CGT Querência do Chimarrão.

O casal João Carlos (72 anos) e Helena Hansel (74 anos) está entre os mais antigos moradores. Carlinhos (como é conhecido) lembra que na década de 1950, quando era grande o movimento entre Venâncio Aires e Santa Cruz através da estrada velha, os moradores iniciaram um pretensioso projeto esportivo. Nascia ali o Esporte Clube Cruzeiro. Mas o empreendimento não deu certo. Em 1962 toda a estrutura do clube se transferiu para o lado Leste da cidade, onde foi construído o Estádio Alvi-azul. Durante mais de 30 anos, o clube foi o principal ponto de referência para os novos moradores que ali se instalaram, dando origem ao bairro Cruzeiro.

Outro empreendimento destacado é o Lar Novo Horizonte. Administrado pelo Lions Clube de Venâncio Aires, a casa existe desde 1992 e hospeda pessoas idosas. Em 2007, residiam no local 32 pessoas, com idade entre 52 e 97 anos.

ECONOMIA

Até a década de 1990, Linha Bela Vista tinha na produção agrícola sua principal fonte de renda. Com os incentivos dados pela prefeitura para a instalação de novas indústrias, a localidade hoje é considerada uma zona mista, isto é, parte agrícola e parte industrial.

Na parte agrícola, destaca-se a plantação de fumo e milho, bem como a criação de peixes em açudes. Também há investimentos em pequenas agro-indústrias familiares.

No setor industrial, a rua Wilma Helena Kuntz foi transformada em um mini distrito, com várias empresas, com destaque para os



Imagem aérea da parte central de Bela Vista



Imagem da área industrial, criada há pouco mais de 10 anos



Áreas de lazer particulares se destacam em Bela Vista



Casal Helena e Carlinhos Hansel

setores de metalurgia e beneficiamento de madeira.

A família de José Tirelli foi responsável pela mais tradicional casa de comércio, que funcionou de 1922 até a década de 1970. A retomada do crescimento econômico, a partir da década de 1990, incentivou novos investimentos na área comercial. Novos mercados, lojas e oficinas estão surgindo.

O asfaltamento da rua Armando Ruschel, ligando Bela Vista à cidade, foi outra obra que ajudou no desenvolvimento econômico.

Com a abertura de novos loteamentos, o número de famílias

crece ano após ano. Em Bela Vista são três: o loteamento Bela Vista, a Vila Tata e, mais recentemente, o loteamento da Cohava, em terreno nos fundos da Escola José Tirelli.

Os novos moradores, notadamente são jovens casais, oriundos do interior do município e de cidades vizinhas, que buscam melhores condições de vida na cidade, atraídos pelas oportunidades de emprego.

Por estar próximo da cidade e possuir fácil acesso, a localidade também tem se destacado com a construção de chácaras e sítios de lazer.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Rosane Hartung, da E.E. José Tirelli; a diretora da E.E. Wolfram Metzler, Flávia dos Anjos e o casal de moradores Carlos e Helena Hansel.

Outras fontes de pesquisa:

Jornal Folha do Mate do dia 10 de maio de 2002

Jornal Folha do Mate do dia 31 de agosto de 2007

O pequeno herval ou Herval Mirim

A história da formação de Linha Herval Mirim remete-nos ao período da presença indígena na região. A erva-mate e o chimarrão são legados deixados pelos nativos para os portugueses e germânicos que chegaram mais tarde. A palavra "mirim" também é indígena, de origem tupi-guarani e significa "pequeno", "menor" em comparação com outro "maior". É o mesmo caso envolvendo o arroio Taquari Mirim em relação ao rio Taquari.

O nome de Herval Mirim faz referência a ervais menores existentes nas matas do Faxinal dos Fagundes, em comparação com os grandes ervais nativos de outras regiões do município, onde mais tarde se formaram os povoados de Santa Emília, Palanque e Linha Herval.

Atualmente, Linha Herval Mirim compreende um trecho de terras nas proximidades do Parque Municipal do Chimarrão. Nos últimos anos, esse povoado experimentou grande crescimento populacional, em função das indústrias instaladas nas margens da RSC-453 e dos loteamentos que estão sendo abertos pela prefeitura municipal em torno do Acesso Leopoldina. O próprio Parque do Chimarrão ajudou a alterar a característica interiorana, dando uma atmosfera urbana à localidade.

PIONEIROS

Os primeiros moradores luso-afrikanos vieram de Rio Pardo, Santo Amaro e Taquari. Dedicavam-se à agricultura de subsistência, à pecuária e também à exploração de madeira nativa (Grápiá, Guajuvira, Angico e etc). No mapa de Venâncio Aires de 1930, toda a região aparece identificada como o Faxinal dos Fagundes.

Por volta de 1850, Maria Eufrásia da Costa possuía dois escravos: Tomaz Pereira e Maria Antônia. Quando foi promulgada a Lei Áurea (1888), ela doou uma chácara aos seus ex-escravos. Descendentes de escravos hoje são de cor branca em virtude de seus casamentos entre famílias de origem portuguesa e alemã. As famílias mais antigas são de sobrenome Costa, Rocha, Severo, Rosa, Martins, Siência e Silva, além dos descendentes dos Fagundes, especialmente sua neta, Brígida Joaquina (casada com Nascimento), cuja residência teria sido construída no alto da coxilha, onde hoje estão os pavilhões da antiga Rio Grande Tabacos.

Merece destaque também entre os pioneiros o nome de Ismael Marques da Costa. Incentivador da educação e da cultura, ele foi intendente do município de Venâncio Aires entre 1893 a 1896. Em 1871, Ismael casou-se com Maria Philomena Miranda, que residia em Taquari. Tiveram 12 filhos. Construíram sua casa ao norte de uma árvore da família das magnólias. A árvore foi plantada por Ismael em 1870. Com quase 140 anos de idade, a frondosa Magnólia existe até hoje.

A localidade foi território indígena no passado mais remoto. Vestígios da presença indígena foram encontrados



Jazida de areia, ao lado da RST-287

quando da construção da caixa d'água do Parque do Chimarrão. Junto às raízes de uma Guajuvira apareceram fragmentos de cerâmicas coloridas de vermelho com todas as características de objetos indígenas.

Não houve colonização oficial das terras de Herval Mirim. No entanto, descendentes de imigrantes alemães e italianos instalaram-se por volta de 1920, entre os quais as famílias Treib e Beati.

ESCOLA

Por volta de 1880, Maria Philomena da Costa iniciou a alfabetização de seus 12 filhos, junto com outras crianças da vizinhança. A escola funcionava em sua casa. Em 1916 foi criada a primeira escola oficial, na mesma residência. Em 1921 esta escola recebeu o nome da localidade, denominação que permaneceu até 1969, quando passou a se chamar Escola Municipal 15 de Novembro. Em 1973, o casal Análio Alves Machado e Herminia de Miranda Costa Machado doou o terreno para a construção do prédio, às margens do Acesso Leopoldina. Em 1992 a denominação da escola foi novamente alterada para Alfredo Scherer, em homenagem ao ex-prefeito de Venâncio Aires.

Atualmente, a Escola Alfredo Scherer é uma das maiores da rede municipal, com aproximadamente 200 alunos e reflete o acelerado crescimento da localidade. Em 2007 a prefeitura iniciou a construção de um novo prédio escolar, no Loteamento Eisermann. A escola possui 20 professores e dois funcionários, sob direção da professora Márcia Büchner.

Também às margens do acesso Leopoldina e ao lado do antigo prédio da escola, foi criada a comunidade católica Nossa Senhora Aparecida, fundada em 18 de novembro de 1984. Sua sede é no pavilhão inaugurado em 1992, que também é sede da Sociedade Herval Mirim, fundada em 4 de janeiro de 1985. A localidade nunca teve igreja. Os atos religiosos acontecem no pavilhão da comunidade, que também realiza bailes,

festas e outros eventos sociais.

PASSO D'AREIA

Até a década de 1930 não havia estrada ligando Herval Mirim à vila de Venâncio Aires. O deslocamento era com carroças e cavalos, ou a pé por uma trilha conhecida como Passo D'Areia. A areia que até hoje é extraída das proximidades da RST-287, na época foi usada para produção da argamassa durante a construção da igreja matriz São Sebastião Mártir.

A construção da RSC-287 na década de 1960 determinou uma drástica alteração no desenvolvimento da região. Em 1974 foi construído o Acesso Leopoldina e, com ele, veio a industrialização, com a instalação de várias empresas, casas de comércio e prestadoras de serviço.

O Parque do Chimarrão, construído a partir de 1983, hoje é o principal ponto de referência de Linha Herval Mirim. No entanto, o crescimento populacional e as características urbanas estão dividindo a localidade. Os principais pontos de referência, como a velha Magnólia, parte do Parque do Chimarrão, o pórtico de acesso e o próprio acesso Leopoldina passaram a fazer parte do Bairro Leopoldina, criado em 2006.

MARAGATOS

Linha Herval Mirim foi palco de um acontecimento histórico, durante a Revolução Federalista. De setembro de 1893 a março de 1895, o recém emancipado município de Venâncio Aires foi alvo de vários ataques das tropas federalistas, comandadas pelo revolucionário maragato Zeca Ferreira. A casa do então intendente municipal, Ismael Marques da Costa, foi invadida em fevereiro de 1895. Não encontrando o "tesouro" da prefeitura, os invasores foram embora levando cavalos e reses.

ECONOMIA

A exploração da agropecuária e o corte de madeira representaram a principal fonte de renda no início da formação



Professora Lisane com os alunos que realizaram a pesquisa em 2007

de Linha Herval Mirim. A extração de erva-mate também foi muito importante, apesar de existirem poucas informações a respeito. A produção de milho, arroz, feijão e mandioca complementavam a renda. Não havia casas de comércio. Produziam hortaliças e criavam animais para subsistência. Atualmente, boa parte do território é ocupada por lavouras, especialmente fumo e milho.

O banco de areia inicialmente era explorado por João Cândido Miranda Costa e seus sobrinhos. A extração era manual e transportada em carros de bois. Várias obras foram construídas com essa areia: a Igreja Matriz, a sede da Sociedade de Leituras, o prédio da Prefeitura Municipal e muitas residências. A jazida de areia centenária continua sendo explorada até os dias atuais.

A construção do acesso Leopoldina foi determinante para o desenvolvimento econômico, a partir de meados da década

de 1970. Em suas margens, instalaram-se várias empresas de beneficiamento de fumo e madeira, oficinas mecânicas e bares. Também houve um ousado empreendimento de construção de um conjunto de oito silos pela empresa Klein e Cia, que mais tarde passou para a Companhia Zafarri. Outro empreendimento vultoso foi a construção da indústria fumageira Rio Grande Tabacos, que na década de 1990 foi adquirida por uma empresa espanhola e transferiu-se para a África. Atualmente, as instalações estão ocupadas por outra fumageira, a Alliance One. Com o crescimento urbano em direção ao Parque do Chimarrão, novos loteamentos estão sendo abertos e novos empreendimentos industriais e comerciais surgem. Mas é importante que os referenciais históricos de Linha Herval Mirim não se percam, como aconteceu com Linha Barbosa, localidade vizinha, cujas terras hoje fazem parte de Linha Bem Feita.



Parque do Chimarrão atualmente é o principal ponto de referência da localidade



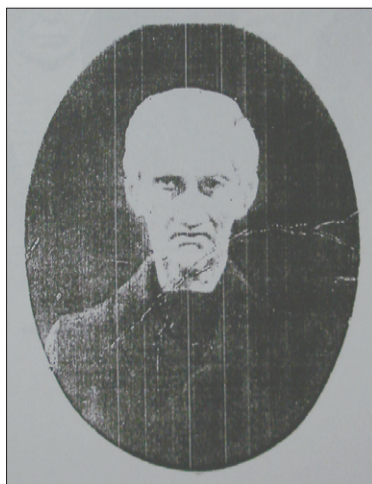
Pavilhão comunitário Nossa Senhora Aparecida

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Lisane Ferraz Dornelles e os alunos da 3ª série da EMEF Alfredo Scherer. O casal de agricultores Anselmo e Bronilda Gronwald. Outras fontes de pesquisa: Pesquisa histórica realizada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999; Jornal Folha do Mate do dia 10 de maio de 2002; Jornal Folha do Mate do dia 31 de agosto de 2007.



Magnólia plantada por Ismael Marques da Costa em 1870



Maria Philomena da Costa foi a primeira professora

As possíveis origens da Linha Bem Feita

Linha Bem Feita está localizada a 6,5 km do centro de Venâncio Aires, fazendo divisa com Linha Estrela, Herval Mirim, Bela Vista, Tangerinas e Linha Arlindo. Os moradores mais antigos ainda lembram da Linha Barbosa, localidade que acabou se fundindo com Bem Feita com o passar dos anos.

Existem muitas dúvidas sobre a origem de Linha Bem Feita. No antigo mapa do município de Venâncio Aires, desenhado em 1930, a região onde hoje se encontra Linha Bem Feita aparece com o nome de Picada Bemfeito. Entre as possíveis origens, está a história passada de pai para filho, que, quando foi fundada a localidade, os antigos colonizadores abriram uma estrada em linha reta, atravessando as matas virgens e muitas vertentes de água. Quando o prefeito da época foi observar a obra, ficou admirado e disse aos seus acompanhantes: "Esta linha foi bem feita!" Este fato teria acontecido antes de 1930.

Outra história, passada de geração em geração, conta que a estrada era muito usada e, no período das chuvas, formavam-se grandes atoleiros. Naquela época o tráfego era feito de carroça de tração animal (boi ou cavalo).

Numa determinada ocasião, um carroceiro atolou e pediu ajuda aos moradores das proximidades. Vários homens prontamente auxiliaram. Mas havia um senhor que era muito teimoso e se achava mais sabido que os demais.

Disse ele:
- Eu puxo no cabeçalho e vocês empurram nas rodas, só assim conseguiremos desatolar a carroça.

Um companheiro se ofereceu para ajudá-lo e ele respondeu asperamente:

- Aqui eu tomo conta sozinho, pois tenho muita força.

Com muito esforço conseguiram tirar a carroça, mas ao desatolar, o senhor forte e sábio não conseguiu dominar o cabeçalho da carroça, que veio a bater forte no seu nariz.

O outro que tinha se oferecido para ajudar, gritou:

- Bem feito!

Considerando a informação do mapa de 1930, é bem provável que esta segunda versão seja a verdadeira história da origem do nome. Registros feitos na década de 1960 identificam a localidade como Linha Bem Feito.

Até meados dos anos 1970, o principal acesso foi pela estrada velha para Santa Cruz, passando por Bela Vista, picada aberta em 1925. Esta estrada ligava Bela Vista com Linha Estrela e dava acesso ao arroio Taquari Mirim. Na década de 1970 foi construída a RSC-287, reduzindo e facilitando o acesso com a cidade.

PIONEIROS

Até 1925, toda a área pertencia ao Faxinal dos Fagundes. As famílias mais antigas a ocuparem as terras foram de Pedro Marcílio, Pio Marcílio, Silvestre Reck, Luis Witz, Arnoldo Bohn, Aureo Klafke, Mathias Weschenfelder, Quirino

Tirelli e Hermes Jorge Pereira. Quando foi aberta a picada, a região toda era ocupada por mata virgem. Tiveram que desmatar para formar as primeiras lavouras e manter a estrada em condições para transportar a produção. Inicialmente, a erva-mate era o principal produto, extraído das matas. Mais tarde foram introduzidas as culturas do arroz, fumo, milho, aipim e batata.

Gentil da Costa teve o primeiro armazém de secos e molhados, mas o comércio mais forte das redondezas foi da família Tirelli, em Bela Vista.

EDUCAÇÃO

A 1º de março de 1942 foi criada uma Escola Municipal de Linha Bem Feita, por iniciativa do então prefeito municipal Flávio Mena Barreto Matos. A primeira regente foi a professora Nelly Maria Costa Machado, funcionando num prédio alugado de propriedade de Mathias Weschenfelder.

Pelo decreto 3539, de 30/09/52, a Escola Isolada de Bela Vista foi transferida para Linha Bem Feita, absorvendo as funções da escola municipal.

O atual prédio escolar foi inaugurado no dia 6 de agosto de 1961, através de convênio entre o município e o estado. O educandário passou a denominar-se Escola Rural de Linha Bem Feita. Gentil Rodrigues da Costa e José Alfredo Reis doaram o terreno e a prefeitura construiu o prédio.

Em 2007, a Escola Estadual de Ensino Fundamental de Linha Bem Feita contava 32 alunos, duas professoras e uma funcionária, sob coordenação da professora Ilvone Hannemann.

RELIGIÃO

A comunidade católica Santa Terezinha foi organizada na década de 1940. A primeira capela foi construída em 1947. Em 1983 foi inaugurado o atual prédio da capela, ao lado do pavilhão comunitário.

O pavilhão é sede da Sociedade de Damas e Cavalheiros de Linha Bem Feita, fundada em Linha Bela Vista e que transferiu-se para a localidade há aproximadamente 25 anos.



Professoras e alunos da E.E. Bem Feita em 2007

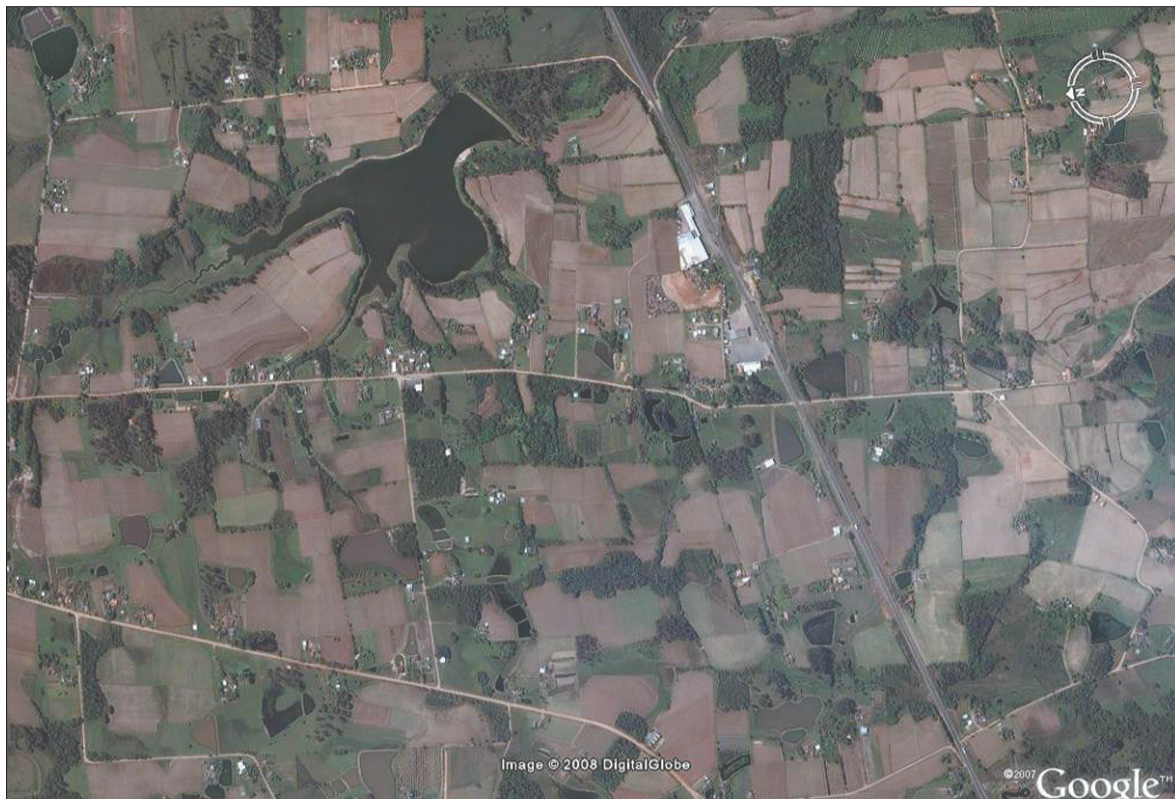


Imagem de satélite de Linha Bem Feita, com destaque para o açude dos Mirandolli

ECONOMIA

Atualmente, a localidade conta com aproximadamente 200 famílias, a maioria descendentes dos pioneiros, de origem lusa, italiana e alemã.

Em meados da década de 1970, a antiga picada Bemfeito foi cortada pela rodovia RS-240, hoje RSC-287. A obra alterou o desenvolvimento da localidade, que até então era baseado na agricultura. Várias indústrias, pontos comerciais e de prestação de serviços, como postos de combustível, churrasceria, restaurante, motel, empresa de processamento de fumo, todos instalados às margens da rodovia. Também há investimentos na agroindústria de conservas, aviários, criação de peixes e secador de grãos.

Quase nada resta das características originais da localidade, que lentamente

adota características urbanas, em função da proximidade com a cidade. O fumo continua sendo a principal atividade rural. O terreno relativamente plano favorece o plantio de várias culturas, como milho, feijão, batata doce e aipim. A erva-mate é o arroz irrigado foram culturas importantes que não existem mais.

A localidade também sofre com o êxodo rural. A desvalorização dos produtos agrícolas empurra os jovens para a cidade. Muitas famílias optaram por trabalhar na cidade após o término da colheita do fumo.

TURISMO

Por estar próxima da cidade e possuir fácil acesso, Linha Bem Feita tem sido uma das localidades que mais recebeu investimentos em chácaras e áreas de lazer. Além do salão comunitário, onde acontecem os bailes e festas, tem o campo de futebol-sete do São João e o CTG Chaleira Preta. Na localidade vizinha de Bela Vista tem a Hípica Tirelli. Na antiga Linha Barbosa tem vários açudes particulares, com destaque para o açude dos Mirandolli, considerado o maior de Venâncio Aires.



Pavilhão da Sociedade de Damas e Cavalheiros de Linha Bem Feita



Capela Santa Terezinha



Investimentos privados em área de lazer se destacam



Fumo é o principal produto agrícola

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Ilvone Lucia Hannemann, Grasielle Hoffmann Vogt, Clari Zenaid de Klafke, Helena Carolina Bohn, Olinda Hoffmann e Eloar Hoffmann.

O gado se refugiava no Cerro dos Bois

Duas elevações se destacam no relevo basicamente plano da região Sudeste da cidade de Venâncio Aires. Um é o Cerro dos Narcisos (ver mais detalhes na história de Linha Taquari Mirim e Linha Campo Grande). O outro é o Cerro dos Bois, em torno do qual formaram-se três povoados.

A origem do nome remonta o tempo em que os primeiros colonizadores luso-açorianos por aqui chegaram, por volta do ano 1800. Na época, havia muito gado selvagem nas várzeas dos arroios Taquari Mirim e Castelhano. À noite e nos períodos de enchente, o gado procurava abrigo no cerro. Outra versão sobre a origem do nome faz referência à Revolução Farroupilha (1835-1845). O gado era "escondido" nas matas que cobriam o cerro, para evitar os saques praticados pelos revoltosos.

O cerro também foi local de habitação de índios. No Museu do colégio Mauá, em Santa Cruz do Sul, estão objetos feitos pelos índios e encontrados no início da colonização.

A partir de 1860, parte das terras foi loteada para imigrantes germânicos, fato que originou a miscigenação, que caracteriza o povo local até hoje. Parte do território pertence ao nono distrito (Estância Nova), porém a maior parte pertence ao primeiro distrito. A localidade é formada pelas comunidades católicas São José, São Caetano e Menino Jesus de Praga, que se desenvolveram, respectivamente, nas proximidades das escolas Estadual de Cerro dos Bois, Municipal Cristino Goulart da Silva e Municipal D. Pedro I.

O principal acesso ao Cerro dos Bois continua sendo pela antiga estrada para Mariante, atravessando a RSC-287 até a primeira entrada à direita antes da Ponte da Divisa, em Linha

Ponte Queimada. Também há outros acessos, porque os pioneiros construíram várias picadas ligando a localidade ao velho Faxinal dos Fagundes, hoje cidade de Venâncio Aires.

PIONEIROS

Ao longo de sua história, Linha Cerro dos Bois já foi chamada de Faxinal dos Bois e Serra dos Bois. Estima-se que o primeiro morador foi Lázaro de Souza, dono de uma sesmaria concedida pela Coroa Portuguesa em 1818. Também estão entre os lusos mais antigos as famílias Machado, Bento da Gama, Bento Ferreira, Alves, Caetano, Pimentel, Rosa, Nunes, Pádua, Oliveira, Rocha e Silva. Entre os imigrantes germânicos aparecem os de sobrenome Müller, Riedel, Kaufmann, Klein, Wilges e Goulart. Em função das dificuldades iniciais de colonização e sobrevivência, não houve a preocupação dos moradores em registrar fatos importantes de sua evolução e muitos ladrilhos de sua história foram perdidos.

Rosa Riedel da Silva, com 92 anos, é uma das mais antigas moradoras da localidade. Graças a sua boa memória foi possível resgatar muitos detalhes da história.

COMUNIDADES

A comunidade São José foi organizada em 1917. Atualmente conta com 75 famílias. Os principais pontos de referência são a capela em honra a São José; a Escola Estadual Cerro dos Bois, inaugurada dia 12 de setembro de 1960, o campo do Esporte Clube 20 de Setembro e o ginásio de esportes da comunidade São José.

A comunidade São Caetano foi organizada na década de 1970 e atualmente conta com 50 famílias. Os principais pontos



Turma da EMEF Cristino Goulart



Professoras e alunos da EMEF D. Pedro I



Turma da E.E. de Cerro dos Bois em 2007



Capela São José



O Cerro dos Bois abrigava o gado xucro que vivia nos campos



Fumo é a principal cultura agrícola



Vários açudes servem para criação de peixes e área de lazer



Campo de futebol e pavilhão da comunidade São Caetano



Ginásio de esportes da comunidade São José

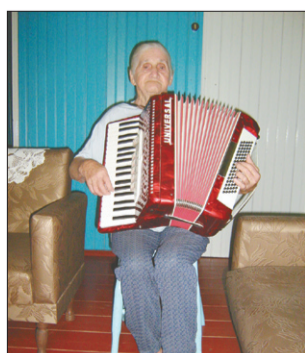
de referência são o Esporte Clube São Caetano, criado em 1962, em terreno doado por Amândio da Silva; o pavilhão comunitário junto ao campo do São Caetano, construído em 1982, em terreno doado por Evaldo Stahl e, a Escola Estadual Cristino Goulart da Silva, inaugurada em 27 de julho de 1963. Os eventos religiosos acontecem no pavilhão São Caetano, que também é sede da Sociedade de Damas Flor do Sul. Outro ponto de referência destacado é o CTG Lenço Branco, fundado em 1972.

A comunidade Menino Jesus de Praga é a mais recente, fundada em 2003 nas proximidades da Escola Municipal D. Pedro I.

EDUCAÇÃO

Inicialmente, a educação das crianças era proporcionada por professores particulares. A professora Antônia Viana de Andrade deu aulas na década de 1930.

Na comunidade São José, a escola funcionou na casa da professora Luci de Carvalho, até a década de 1960, quando foi construído o atual prédio da Escola Estadual. Em 2007, esta escola contava com 16 alunos e uma funcionária, sob direção da professora Maria Elenita Zambiasi. A Escola Municipal D. Pedro I funcionou inicialmente em uma casa particular até a década de 1950. Na década de 1960 foi construído o atual prédio, em terreno doado por Alvício Schuh. Atualmente esta escola conta com 26 alunos, sob orientação das professoras Cássia Roberta da Silva Treib e Liane de Fátima da Silva Frey.



Aos 92 anos, Rosa Riedel da Silva toca gaita e conta histórias

A Escola Estadual Cristino Goulart da Silva foi a terceira a ser construída. As aulas iniciaram no dia 1º de março de 1963, com 19 alunos de 1ª a 4ª séries. O prédio foi construído pela prefeitura, em terreno doado por José Goulart da Silva, filho de Cristino. Em 2007 a escola matriculou 13 alunos, sob orientação da professora unidocente Helena Conceição Ilha Mallmann.

Existiu uma quarta escola, denominada Barão de Santo Ângelo, que foi desativada devido ao baixo número de alunos.

ECONOMIA

A criação de gado foi a principal fonte de renda dos pioneiros açorianos. Com a chegada dos imigrantes germânicos, aos poucos foi-se introduzindo a agricultura, inicialmente com o fumo de galpão, milho, arroz e feijão. Existiam moínhos e atafonas. Na década de 1930, José Müller possuía salão de baile, chamado bailanta. Miguel dos Santos tinha a Bailanta da Casa Branca, uma casa grande construída na época dos escravos. Armando de Quadros tinha a casa comercial mais tradicional, que funcionou de 1950 a 2004 e passou por várias gerações da família.

Na década de 1980, uma empresa privada iniciou a extração de pedras no Cerro dos Bois. Esta pedra também foi utilizada pela prefeitura para retirar material para as estradas. A pedra abriu uma cicatriz no cerro que até hoje pode ser observada a grande distância.

A criação de gado ainda se destaca, mas em menor escala. Os grandes campos viraram poteiros ou então foram transformados em lavouras de arroz irrigado, às margens do Taquari Mirim. No setor de beneficiamento de carne bovina se destaca o frigorífico Bergenthal.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Maria Elenita Zambiasi (55 anos), a merendeira Nilva Kaufmann Fontoura (42 anos) e os alunos da E.E. de Cerro dos Bois; as professoras Cássia Roberta da Silva Treib (27 anos) e Liane da Silva Frey (31 anos) e os alunos da EMEF D. Pedro I; a professora Helena Conceição Ilha da Silva e os alunos da EMEF Cristino Goulart e a moradora Rosa Riedel da Silva (92 anos).

Outras fontes:

Livro Abrindo o Baú de Memórias... do Museu de Venâncio Aires; Pesquisa realizada em 1999 pela Secretaria Municipal de Educação

O mistério da Linha Ponte Queimada

Por volta de 1880, a Sesmaria dos Fagundes e a Sesmaria dos Mariante eram separadas por um pequeno curso de água chamado Sanga da Divisa. Uma ponte ligava as duas propriedades e por ali passava todo o movimento que ia e vinha do Porto Mariante. A ponte tinha, portanto, importância estratégica.

Há duas versões para o fato que deu origem ao nome da localidade: a primeira remonta ao período de 1893 a 1923, quando a elite estancieira reagia contra o poder do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR); não se conformavam por haver perdido o poder (maragatos x chimangos) e pela possibilidade de eleição consecutiva do presidente do Estado, conforme permitia a Constituição de 1891. Em um dos confrontos, os maragatos atearam fogo na ponte, para que os chimangos ficassem impossibilitados de passar a sanga.

A segunda versão, também remonta ao tempo dos estancieiros: dois moradores estavam sempre em atrito pela invasão de bois em suas propriedades. Resolveram colocar fogo na ponte para que ninguém mais passasse por ali com gado.

Apesar das várias pesquisas já realizadas, a verdadeira origem do nome da comunidade permanece um mistério até hoje. No mapa de Venâncio Aires de 1930, a Sanga da Divisa aparece com o nome de Sanga da Ponte Queimada, denominação que atualmente foi reduzida para Sanga Queimada.

PIONEIROS

Atualmente, Linha Ponte Queimada tem como principais pontos de referência a subestação de Energia Elétrica da CEEE, a Escola João Pádua da Rosa, a Ervateira Elacy, o mercadão Bom Preço e a ponte da RSC-287 sobre a Sanga Queimada. A localidade se desenvolve devido ao avanço da industrialização, pois se localiza próximo do Distrito Industrial.

No entanto, pouco se sabe sobre o início de sua colonização. No mapa de Venâncio Aires de 1930 toda a área, desde o arroio Castelhana até Linha Cerro dos Bois, pertencia ao Faxinal dos Fagundes. Entretanto, levas de imigrantes germânicos começaram a povoar as proximidades a partir de 1874. O cemitério de Ponte Queimada é um dos mais antigos do município. Há túmulos de falecidos há mais de 110 anos.

A miscigenação entre germânicos e lusos formou a característica dos habitantes locais. Estão entre os pioneiros mais antigos: Gottlieb Hoffmann, Pompílio Gomes da Rosa, Antônio Dornelles, Miguel Fagundes, Rosa Kern, Nicolau Barden, Leocádio Sousa, João Pacheco, João Pedro Soares da Silva, Miguel Carvoeiro e Luís Selbach.

EDUCAÇÃO

As primeiras escolas funcionavam em casas particulares ou em habitações cedidas pelos moradores. A mais antiga escola data de 1903, construída na Sesmaria dos Fagundes, por doação de Faustina Francelina Fagundes. No ano de 1919, Nanci Campos foi a primeira professora da Escola Federal de Ponte Queimada. Aurora Câmara Ribeiro da Rosa foi a terceira professora, transferindo a escola



Vista parcial da E.E. João Pádua da Rosa

para junto de sua casa, onde o marido, João Pádua da Rosa, havia construído um prédio apropriado para as aulas. O casal teve destacada participação no desenvolvimento da localidade.

Em 3 de junho de 1952 lavrou-se a escritura pública por Ernesto Teixeira de Campos, voltando a idéia da escola retornar ao seu local de origem. Em 1959 foi construído o atual prédio, a pedido do prefeito Alfredo Scherer. René Castro Selbach ficou fiscal da obra.

Ao longo desses anos, a escola teve várias denominações: Escola Federal de Ponte Queimada (1919); Escola Isolada de Ponte Queimada (1928); Escolas Reunidas de Ponte Queimada (07/03/56); Grupo Escolar de Ponte Queimada (16/06/69); Escola Estadual de 1º Grau Incompleto João Pádua da Rosa (Decreto nº 41475 de 16/07/81 e Diário Oficial de 23/07/81). Pela Lei Municipal 2537, de 31/12/98, a administração da escola passou para o Município, retornando posteriormente para o Estado. Em 2007, a Escola Estadual João Pádua da Rosa contava com 80 alunos, do pré à 5ª série e do 1º ano do currículo de nove anos. Cinco professores e duas funcionárias trabalham na escola, sob coordenação da diretora Lisete Dolores Deitos.

VIDA SOCIAL

As lembranças mais antigas da vida social de Ponte Queimada remontam à época da Bailanta da Casa Branca, construída no tempo dos escravos e localizada próximo do cemitério e perto do Cerro dos Bois. Os antigos diziam que o local era assombrado. Também havia as bailantas onde o dono da casa reunia a vizinhança e patrocinava os comes e bebes e a animação era por conta de um gaitreiro.

Somente a partir da década de 1960 que os moradores novamente se organizaram para fundar a Comunidade Católica Nossa Senhora das Graças. Em 1972 foi construído o pavilhão comunitário, em terreno doado por René Selbach.

Todas as ações comunitárias: festas, assembleias, reuniões de CPM, ensaios e encenações do Grupo de Teatro da escola, catequese, missas, ou qualquer outro evento, são realizadas no Salão Comunitário Nossa Senhora das Graças.

O pavilhão é sede da Sociedade de Damas Cultivando a Amizade, fundada em 23 de setembro de 1979 e da Sociedade de Cavalheiros Unidos da Ponte, fundado



João Pádua da Rosa

em 13 de dezembro de 1996.

ECONOMIA

Nos últimos 20 anos, o desenvolvimento industrial da cidade avançou em direção à Linha Ponte Queimada, devido, especialmente, ao asfaltamento da rodovia RST-287 e, mais recentemente, ao asfaltamento do trecho da estrada velha para Mariante, passando pelo Distrito Industrial.

No entanto, a paisagem local ainda conserva grandes campos com algumas cabeças de gado. O fumo é o principal produto agrícola. A casa comercial mais tradicional pertenceu a René Selbach, de 1947 a 1991. Antes, Luiz Selbach tinha moinho de farinha e posto de compra de fumo de galpão. O primeiro ônibus, da empresa Selbach, começou a circular na localidade em 1929.

A subestação de Energia Elétrica da CEEE foi construída em 1960 e ampliada para 25 MVA em 1992. As primeiras casas receberam energia elétrica em 1969. Em 1988 a Corsan passou a fornecer água tratada.

Desde a década de 1970, o DAER mantém um posto de produção de asfalto ao lado da escola. A rodovia utiliza parte da antiga estrada para Mariante. Uma nova ponte foi construída sobre a Sanga Queimada na RSC-287. A ponte motivo de discórdia no passado também foi reconstruída e, atualmente serve de ligação entre Ponte Queimada e Rincão de Souza.

A MOTORISTA

Um fato curioso acontecido na década de 1940 ainda permanece vivo na memória dos moradores mais antigos. Luiz Selbach casado com Aracy Selbach, foi o primeiro a ter um automóvel, um Ford bigode. Ela gostava muito de passear. Era uma mulher avançada para a sua época. Seu marido, doente, não podia dirigir o carro e ela precisava ir à "Vila" (cidade). Decidiu ir, após as discussões com o marido. Chegando à cidade, começou a dar voltas ao redor da praça, sem parar. O fato chamou a atenção das pessoas, que correram para acudir a senhora Selbach, que não sabia como parar aquela gerinçoa. Os gentis senhores estacionaram o automóvel, propondo levá-la para casa. Negou com veemência: - "Como vim, voltarei...". Por este fato, Aracy Selbach pode ser considerada a primeira mulher motorista de Venâncio Aires.



Pavilhão da Sociedade Nossa Senhora das Graças



Atual ponte sobre a antiga Sanga da Divisa, na estrada velha para Mariante



Ponte da RSC-287 sobre a Sanga da Divisa. A informação da placa está incorreta



Subestação da CEEE recebe energia elétrica da barragem de Salto do Jacuí



Vista parcial das máquinas e instalações do DAER

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Lisete Dolores Deitos, da E.E. João Pádua da Rosa. Pesquisa histórica realizada pela Secretaria Municipal de Educação, em 1999. Jornal Folha do Mate do dia 10.05.2002

O boqueirão da Estrela e o Canto do Cedro

De acordo com o dicionário, "boqueirão" significa, entre outras situações, o fim de uma estrada estreita por entre a mata, desembocando em um descampado, ou área desmatada.

Na época da colonização, esta expressão era bastante usada pelos luso-americanos e foi preservada até os dias atuais no vizinho município de Boqueirão do Leão. No caso de Venâncio Aires, havia o Boqueirão da Estrela, primeira denominação de Linha Estrela.

Localizada a apenas cinco quilômetros do centro de Venâncio Aires, Linha Estrela ocupa a extremidade Sul do município. Seu território é identificado a partir do trevo da RSC-287 em direção ao arroio Taquari Mirim, via RS-405. Esta rodovia liga Venâncio Aires a General Câmara, passando pela várzea do Taquari Mirim, até encontrar-se com o município de Vale Verde.

Na época em que a região era tomada por mato e havia apenas uma picada que desembocava na várzea, os moradores do Boqueirão orientavam os viajantes que se aventuravam cruzar por ali a noite para seguirem o brilho da estrela. A estrela em questão é Alfa Centauro, a maior estrela da constelação do Cruzeiro do Sul.

No mapa de Venâncio Aires de 1930, toda a área pertencia ao Faxinal dos Fagundes e não havia nenhum ponto de referência destacado desde Linha Bem Feita até Cerro dos Bois. Só existia a estrada costeira ao arroio Taquari Mirim, ligando as duas localidades.

A primeira escola de Linha Estrela foi inaugurada no dia 19 de abril de 1941, mas seu funcionamento iniciou somente em 1943. Mais tarde foi construída a Escola Municipal Marechal Floriano, que foi fechada em 25 de junho de 2003.

Na década de 1980 houve uma tentativa do governo do Estado em asfaltar a RS-405, a partir do trevo de Venâncio Aires até General Câmara. Várias obras de engenharia foram construídas na várzea do Taquari Mirim. No entanto a tentativa fracassou e o asfalto acabou passando por Vale Verde e Passo do Sobrado. Restaram as pontes e algumas marcas da estrada, que chegou a ser parcialmente terraplanada. Até hoje, em dias de chuva, a estrada se torna quase intransitável, prejudicando os produtores de arroz de Linha Estrela.

Outra referência de Linha Estrela é a Usina de Reciclagem de Lixo, que iniciou suas atividades em 1999. A usina mantém 20 pessoas trabalhando na separação do lixo seco do lixo orgânico. Aproximadamente 30 toneladas de lixo são separadas por mês, o que representa 7% do total re-

colhido no município. O que não pode ser reaproveitado segue para o aterro sanitário no município de Minas do Leão.

AGRICULTURA

O relevo de Linha Estrela é bem distinto. Nas várzeas próximas ao Taquari Mirim o arroz irrigado é cultivado em larga escala. Já na coxilha predomina o fumo. Também são encontradas plantações de laranja. Nas proximidades com Linha Bem Feita o solo é bastante arenoso.

Com a construção da RST-287, na década de 1970, reduziu muito o trânsito pela antiga estrada costeira do Taquari Mirim. Hoje ela está quase abandonada.

Nos últimos anos, o trecho da RSC-287 que passa por Linha Estrela recebeu investimentos privados na construção de grandes pavilhões para a indústria fumageira. A localidade também foi escolhida para a construção de sítios e de sedes campestres para associação de trabalhadores. É o caso da Sociedade dos Motoristas e a Associação dos Funcionários da Prefeitura que escolheram a localidade devido à proximidade do centro da cidade e por reunir as características de localidade do interior, com muito verde, bosques com árvores nativas, açudes e ampla área de lazer.

CANTO DO CEDRO

Cedro é uma madeira de grande valor comercial. Serve para fabricação de móveis e para a construção civil. Por volta de 1950, havia muitas árvores de cedro em Venâncio Aires. Mas havia um lugar em especial, próximo de Santa Tecla, Linha Sapé, Tangerinas e Bela Vista, onde a árvore se desenvolvia em abundância. Esse lugar ficou conhecido

como Canto do Cedro.

Os primeiros moradores foram Isaltina Vieira Lopes e Augusto Moraes. Descendentes de africanos, portugueses e castelhanos foram os primeiros colonizadores. Atualmente, a localidade conta com aproximadamente 50 famílias. Descendentes de imigrantes italianos e germânicos somaram-se aos mais antigos. O principal acesso se dá pela RS-422 até a Olaria Schwingel, em Santa Tecla, seguindo por uma entrada à esquerda. Também há um acesso por Linha Bela Vista.

A principal economia é o fumo. O comércio é limitado a alguns botecos. Os moradores fazem o rancho nos supermercados da cidade. Não há sociedades organizadas. O pavilhão da comunidade católica São Roque, ao lado da Escola Municipal Venâncio Aires, serve para eventos sociais e religiosos.

A escola foi criada no dia 10 de janeiro de 1969. A primeira professora a desenvolver as atividades foi Ivone Mirandoli. Em 2007, a escola contava com apenas 11 alunos do ensino fundamental, número que aumentou para 14 em 2008.

Próximo da escola, vários pés de cedro ainda podem ser encontrados. Porém, nos últimos anos, o eucalipto vem ocupando lugar de destaque no reflorestamento das áreas desmatadas, com o objetivo de fornecer lenha para os fornos de fumo.

Das antigas famílias, não mora mais ninguém na localidade. O êxodo rural é violento. A proximidade com a cidade atrai os jovens para trabalharem nas fábricas. Os mais velhos ficam na lavoura, onde plantam fumo, milho e produtos de subsistência.

A exemplo de Linha Estrela, várias empresas e profissionais bem sucedidos na cidade estão adquirindo chácaras para construção de áreas de lazer particular.



Imagem de satélite mostra a área rural de Linha Canto do Cedro, na margem esquerda da RS-422



Fumo se desenvolve bem no solo arenoso



Vista parcial da sede campestre dos funcionários da prefeitura municipal



Usina de reciclagem de lixo funciona desde 1999



Na parte superior da foto, a antiga estrada costeira que liga Linha Bem Feita a Cerro dos Bois



Pavilhão da Comunidade São Roque



Mata nativa preservada em sítios e áreas de lazer particulares



Equipe da EMEF Venâncio Aires em 2007. Atrás da escola, um pé de cedro



Pomar de laranjas se destaca entre as lavouras de fumo em Linha Estrela



A RS-405 corta a várzea do taquari Mirim com suas vastas lavouras de arroz

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

No Canto do Cedro: A professora Leci de Borba e os alunos da EMEF Venâncio Aires. Em Linha Estrela: Vanderlei Watte (32 anos) e Rodrigo Jr Guth (25 anos), coordenadores das atividades da Usina de Reciclagem de Lixo. Também foram usadas informações da pesquisa histórica da Secretaria Municipal de Educação de 1999.

Inverno é tempo
de comida gostosa.
E também muita louça,
vidros e cozinha
para limpar.

Mas não há problema.
Você pode contar com
o Multiuso, os Detergentes
e o Limpa-vidros Brasclin.



Inverno é época de curtir a casa, fazer bolinho de chuva, pipoca com melado e deixar as crianças aproveitarem as férias de inverno. Mas para manter a casa limpa, as louças e os vidros brilhando, é bom contar com o cuidado e o poder de limpeza dos produtos Brasclin. Multiuso, Limpa-vidros e detergentes com aquela qualidade que você já conhece. É limpeza completa **sim**.